O Jesus Histórico e Cristo Mítico

Edição: Luis V Vallejo

O Jesus Histórico e Cristo Mítico

Título Original:
The Historical Jesus and Mythical Christ
Localização:
http://www.masseiana.org/ml0.htm
Editor:
Jon Lange

Tradução, Introdução, Apêndice e Notas adicionais
por L. Valentin

lsvltn@gmx.com

Para saber mais sobre Gerald Massey:
Masseiana Home Page

As notas adicionais feitas pelo tradutor estão marcadas por um NT (nota do tradutor). As outras notas são de autoria do editor de *Masseiana*, Jon Lange.

- 2012 -

Introdução

Gerald Massey – Um Perfil Resumido

L. Valentin

"Massey não foi somente um homem de talentos, mas conseguiu um certo nível de grandeza com os três livros aos quais ele devotou as últimas décadas de sua vida. Ele tinha a capacidade, rara no século 19, para observar algo sem temor, com uma abordagem agressiva e proclamar uma verdade inaceitável para as pessoas comuns que o rodeavam. Tinha uma mente super-abrangente e penetrante, jamais limitada por diferenças e fronteiras artificiais. Apesar de que fosse rude na defesa de suas idéias e ideais, em tudo que fazia, dele emanava uma sensível humanidade. Ele foi ofuscado em relevância pública, fama e reconhecimento por outros historiadores, mas, ***na sua época, na Inglaterra, jamais houve algum que o igualasse.*** *É necessário que as próximas gerações o resgatem da obscuridade em que tem estado desde sua morte. Ele não foi o primeiro homem, nem será o último, que será muito mais reconhecido pela posteridade que por seus contemporâneos."*

Charles S. Finch III, M. D.
Director of International Health Morehouse School of Medicine
Atlanta, Georgia
January, 2006

É difícil encontrar uma autoridade falando sobre Gerald Massey. Ele foi lançado na vala do esquecimento, assim como muitos outros gênios, que cometeram o "pecado" de

nadar contra a corrente do pensamento comum, de rebanho, principalmente aquela disseminada pelo cristianismo. Assim foi com Semmelweiss, Farnsworth e até mesmo com Tesla.

Mas o que eles tinham em comum? Todos estudaram muito e se especializaram em suas áreas. O primeiro, médico, descobriu a assepsia numa época em que tal feito lhe proporcionou apenas fatal perseguição por parte de sua classe. O segundo, como Massey, um fenômeno, numa pobreza absoluta, trabalhando no campo, apenas sabendo ler, estudou **sozinho** eletricidade e eletrônica, e inventou o tubo de raios catódicos, ou seja, a televisão. O terceiro, apesar de ter estudado como Semmelweiss, também sozinho, inventou o motor elétrico e todo o sistema de manipulação da corrente alternada, a que se usa hoje. Pense no mundo sem o motor elétrico e agradeça a Tesla por tudo que é moderno na civilização de hoje.

Massey não fica atrás. Nasceu em 1828, numa região pobre da Inglaterra. Seu pai era analfabeto, um barqueiro de um canal, e ganhava 10 shillings[1] por semana para sustentar uma grande família. Sua mãe, porém, apesar de ser também analfabeta, fez os maiores sacrifícios, inclusive passar fome, para que o pequeno Massey fosse alfabetizado.

Paupérrimo, muitas vezes passando fome, após os 8 anos de idade foi obrigado a trabalhar num moinho para ajudar a família. A sua situação era precária, ganhava 1 shilling por

[1] Shilling – antiga divisão da moeda inglesa. Valia 1/20 da libra. Em meados de 1850, numa família pobre com 5 pessoas, no interior da Inglaterra, a despesa por semana, somente para comprar pão, era cerca de 3 shillings. (NT)

semana, trabalhando das 5 horas da manhã até as 18:30 horas, numa terrível jornada de mais de 12 horas, com a fome e doenças rondando sua existência. Apenas alfabetizado precariamente, se mudou para Londres com 15 anos para arranjar um trabalho melhor. Conseguiu emprego como garoto de recados e isso lhe facilitou o acesso aquilo que ele mais queria no mundo: os livros.

Massey, frequentemente, chegava ao ponto de gastar o dinheiro do seu almoço para comprar um livro. Assim, sozinho, freqüentando bibliotecas e livrarias, aprendeu francês, espanhol, grego, hebreu e podia ler os hieróglifos egípcios. Firmou-se como escritor e poeta, sendo reconhecido e admirado não só na Inglaterra como nos diversos países em que deu conferências.

Porem, a partir da década de 1870, Massey começou a ser segregado. O motivo: seu incessante estudo o levou a descobrir que o cristianismo era uma fraude. Isso colocou a sociedade cristã contra ele. Indiferente a isso, Massey continuou seus estudos, aprofundando-se no Egito. Seu livro "*Ancient Egypt: The Light of the World*" (Antigo Egito: A Luz do Mundo) é o resultado de 30 anos de estudos sobre o assunto. Essa obra extensa, profunda e árida é a terceira do seu ciclo, podemos chamar assim, "herético".

A primeira foi "*The Book of the Beginnings*" (O Livro dos Princípios - 1881) onde Massey desafia as opiniões convencionais sobre supremacia racial. A segunda foi "*The Natural Genesis*" (A Gênese Natural – 1883).

Nele, Massey, dá seu apoio à teoria da evolução, mostrando de forma extensa a influência do Egito nos modernos mitos, símbolos e religião. Ainda, apontava a África como berço da humanidade.

Seu terceiro livro, com mais de 1000 páginas, foi publicado logo depois de sua morte, em 1907. É de longe sua obra mais importante e mostra, numa análise extremamente detalhada todo o sistema religioso do antigo Egito e que da civilização *Kamite* (Kemet) da pré-história daquele país, foi a origem da filosofia, da metafísica e da religião que mais tarde dominariam o Ocidente.

Massey, além disso, acreditava piamente no espiritualismo, achando (erradamente) que essa seria a religião do futuro e que dominaria o mundo no século XX (cf. "*The Coming Religion*" 1900)

A publicação dos dois primeiros livros foi uma tarefa árdua. Nenhuma editora os aceitava. Massey, que tinha acesso a mídia, quando trabalhava apenas com literatura e poesia, agora era rechaçado. Conta ele que um jornal recusou publicar um seu artigo dizendo "*a matéria é muito complicada para ser entendida pela maioria das pessoas*".

Depois da publicação da obra, os ataques choveram, principalmente vindos dos Estados Unidos. Massey, em suas réplicas mostra alguns deles, dos quais destacamos:

De um certo Sr. Coleman, no *Religio-Philosophical Journal of Chicago*, no artigo "*Opinions of Eminent Egyptologists regarding Mr. Massey's alleged Egypto-Christian parallels*." :

> *"Um dos mais famosos egiptólogos da Inglaterra, que não posso revelar o nome, observou: 'O senhor está certo quanto ao Sr. Massey. Alguns acham que é desonesto; e é certo que ele tem bastante consciência das ridículas asneiras que publica. Eu não pensava assim até ter examinado seu enorme livro. Nem mesmo um lunático poderia ter escrito tanto lixo grotesco, sem a menor consciência da incrível ignorância demonstrada nele. Esse homem é ao mesmo tempo um ignorante da pior espécie e alguém que não tem consciência disso'..."*

Carta do Rev. A. H. Sayce para o Sr. Coleman:

> *"Meus agradecimentos por sua completa demolição das vulgaridades do Sr. Massey. É difícil de entender como um homem pode ter o descaramento de divulgar tal quantidade de citações ignorantes e falsas. O Sr. prestou um grande serviço à causa da verdade, ao desmascará-o totalmente, quando expôs seus erros imparcial e implacavelmente"*

Ou seja, somente ataques à pessoa. Essa é a principal arma, ainda hoje. Em vídeos na internet, acusam Massey de "*não ser formado*". Nenhum historiador da atualidade jamais ousou contradizer o estudo do Egito e as conclusões de Massey. Pelo contrário, todos bebem de sua fonte, mas, ingratamente, não fazem sua defesa. Entende-se: defender Massey é atacar Jesus. E isso não é saudável. Diga-se de passagem que Massey respondeu a esse tal Sr. Coleman, aí sim, demolindo completamente suas críticas. (cf. "*A Retort*" – 1900 e "*In Reply to Professor AH Sayce*)

A presente conferência, “*O Jesus Histórico e Cristo Mítico*” foi publicada em 1900, sendo um resumo de um capítulo de seu livro “*Natural Genesis*”. Nela, Massey coloca evidências de que o personagem que existiu na realidade, chamado *Jehoshua*, foi a figura que inspirou, no século IV, a criação da figura mítica – que é uma fantasia – chamada Cristo, sendo as histórias de ambos, totalmente diversas.
Massey morreu em 1907, aos 79 anos. Como muitos homens da ação e ousados, mesmo enfrentando as mais terríveis dificuldades, ele se educou sozinho, aprendendo tudo na melhor escola que existe desde que o homem apareceu na terra: a escola da experiência, na qual encontrou seu mais espetacular campo de trabalho, revelando os mistérios da mitologia do antigo Egito e elucidando suas semelhanças com as religiões ocidentais.

> *“É um trabalho que me ocupou por mais de trinta anos, e ficarei bastante satisfeito se, em outro século, minhas idéias forem reconhecidas como certas.”*
> *G. Massey*

Será neste século XXI que isso acontecerá ou seremos obrigados a aguardar os próximos?

L Valentin
01/05/2012

O Jesus Histórico e Cristo Mítico[2]

Gerald Massey
Trad. L. Valentin

Ao apresentar aos meus leitores alguns dados mostrando que muito da história cristã já existia na mitologia[3] egípcia, peço

---

[2] Esta conferência provavelmente é a única que rendeu a Massey muitas críticas e também muita aprovação e foi baseada nas duas ultima seções do livro "*The Natural Genesis*" (NG)
Nele existe uma excelente fundamentação sobre o que Massey diz aqui com a mesma erudição tão ardentemente apresentada por ele no embasamento de seu pensamento. Jamais se poderá provar a existência de um Cristo histórico, não só nestes dias e nesta época, muito menos há cerca de cem anos, quando nenhuma pessoa no ocidente podia questionar sua existência sem ser imediatamente condenada por blasfêmia.
Massey aqui demostra seu profundo ódio ao Cristianismo, o que o torna único entre os outros pensadores da era Vitoriana, mas não o condena explicitamente; utilizando pesquisas acadêmicas ao invés de zombarias para apoiar sua teoria. Ele rejeita a validade histórica de Cristo, mas não a validade espiritual de um Cristo simbólico, que se baseou inicialmente na tradição primordial. Portanto, vendo teólogos e pesquisadores modernos no âmbito da arqueologia ainda continuam procurando pelo suposto local onde Cristo foi sepultado, ou tentando provar sua existência através de um pedaço de pano com sua suposta imagem impressa nele, não é de se admirar que Massey seja tão amplamente ignorado nesse assunto. Suas conclusões serão reforçadas mais solidamente na ultima seção do livro "Antigo Egito" (*Ancient Egypt, the Light of the World* - AE), que aconselhamos que todos leiam depois desta conferência.

que tenham em mente que os fatos, bem como outros fundamentos, ficaram ocultos por milhares de anos na linguagem dos hieróglifos[4], jamais decifrada por gregos ou romanos e não puderam ser lidos até que Champollion[5], recentemente, tivesse encontrado a chave para sua decodificação[6].

---

[3] Mitologia: conjunto de mitos. Os mitos são, geralmente, histórias baseadas em tradições e lendas feitas para explicar o universo, a criação do mundo, fenômenos naturais e qualquer outra coisa a que explicações simples não são atribuíveis. Mas nem todos os mitos têm esse propósito explicativo. Em comum, a maioria dos mitos envolvem uma força sobrenatural ou uma divindade, mas alguns são apenas lendas passadas oralmente de geração em geração. Cristo mítico é, portanto um deus da mitologia, como Zeus, Júpiter, etc. Uma fantasia, portanto. (Nota do Tradutor - NT)

[4] Hieróglifos: a escrita dos antigos egípcios. Foi decifrada em 1822 pelo estudioso francês Jean François Champollion, quando conseguiu traduzir a famosa "Pedra de Rosetta" (NT)

[5] Champollion decifrou os hieróglifos em 1822, depois de comparar textos na pedra de Rosetta com seus equivalentes em grego; já que os nomes dos faraós eram amplamente conhecidos, ele foi capaz de decifrar o texto. O inglês Thomas Young, quase que ganhou dele a corrida para decifrar os hieróglifos, que ficaram envoltos numa nuvem de mistério por mais de mil anos. Somente o idioma cóptico é parecido com ele, sendo ainda falado em alguma igrejas da Etiópia.

[6] Ou seja, a composição do Cristo mítico foi baseada em conhecimento de antigas tradições egípcias e persas que foram transmitidas oralmente ou por escritos persas. Como ninguém sabia decifrar os hieróglifos, não havia modo de saber que estava no Egito antigo a origem das religiões. (NT)

Da mesma forma, as fontes originais de nossa mitolatria[7] e cristologia[8] ficaram tão ocultas como aquelas do Nilo, até o atual século.[9] O material místico[10] encerrado nesta linguagem foi confiado de forma sagrada à guarda dos mortos enterrados e preservado fielmente no seu Livro da Vida, que era disposto, entre os travesseiros ou fixado no peito dos mortos, em seus caixões e tumbas.

Em segundo lugar, apesar de ser capaz de ler os hieróglifos, nada aqui é baseado em minha tradução. Tive esse cuidado! A transcrição e adaptação literal dos textos em hieróglifos aqui utilizados foram feitos por estudiosos de autoridade indiscutível. Por esse aspecto, não existe modo de refutação.

Eu lecionei sobre a história de Jesus há muitos anos. Naquela época eu não sabia como tínhamos sido enganados, ou seja que o tal "esquema cristão" (como é chamado) no Novo Testamento[11] é uma fraude, baseada numa fábula do Velho Testamento[12].

---

[7] Mitolatria: adoração de mitos (NT)

[8] Cristologia: estudo do cristo (NT)

[9] Massey estava no ano 1900, ou seja século XX. (NT)

[10] Místico: referente ao misticismo: crença numa realidade que vai além da compreensão humana ou sistema espiritual que visa encontrar uma ligação direta com o sobrenatural (NT)

[11] Novo testamento: conjunto de 27 livros supostamente escritos depois de Cristo, no século II (4 evangelhos, 1 atos dos apóstolos (atos), 13 cartas de Paulo (epístolas), 1 carta aos hebreus, 7 cartas católicas, 1 livro de revelações [apocalipse]) e que trazem a segunda parte da doutrina do cristianismo. Não existem seus

Naquele tempo eu aceitava os evangelhos[13] canônicos[14] como o conteúdo de uma verdadeira história humana e

---

originais – e ninguém divulga isso - e esses livros foram escritos por Jerônimo em meados do século IV, na primeira edição, conhecida como *Vulgata* (NT)

[12] Velho testamento: A primeira parte da doutrina cristã. É baseado na Bíblia Hebraica (Escrituras Hebraicas) Notar que não existem originais desses livros (NT)

[13] Evangelhos: cada um dos 27 livros do Novo Testamento que contêm tudo o que Jesus fez e ensinou - cada um dos quatro livros dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João, incluídos no Novo Testamento, que narram especialmente. a vida, a doutrina e a ressurreição de Jesus - qualquer sistema filosófico, ensinamento etc. que tenha por objetivo regenerar o ser humano - princípio, doutrina etc. indiscutível por corresponder à verdade, segundo aqueles que a defendem; dogma - qualquer coisa que mereça crédito, confiança por parte de alguém – do grego: boa notícia. Porém é bom notar que Jesus nada escreveu e que os evangelhos não existem na sua forma original. Foram escritos - se realmente o foram, não se tem prova disso - em papiro que dura no máximo 100 anos. Os evangelhos atuais foram escritos por S. Jerônimo, em meados do século IV (NT)

[14] Canônicos: Pertencente ao cânon. CÂNON: Cânon é o catálogo de livros sagrados. Ao homem que escreve livros sagrados, inspirado por deus, dá-se o nome de **hagiógrafo**. Canônico é o termo empregado para designar um livro sagrado. Para que um livro seja canônico devem ser observadas as seguintes regras:

- deve ser inspirado;
- deve conter uma revelação formal e verdadeira;
- deve ser aprovado pela Igreja de forma explicita ou solene.

assumia, como todos, que tal história se provava por si mesma.

Ao descobrir que Jesus, ou Jehoshua Ben-Pandira era um personagem histórico, que era mencionado no Talmude[15], cometi o erro comum de supor que isso provava a existência do Jesus descrito nos evangelhos canônicos. Mas, depois de se conhecer o que vou contar e confrontar as provas, aqui juntadas e expostas ao público pela primeira vez, não é de se admirar que eu tivesse mudado meus pontos de vista, ou que fosse obrigado a contar a verdade a todos, como ela agora se mostra a mim, apesar de apenas resumir aqui, da maneira mais breve possível, alguns fatos em que trabalhei exaustivamente até agora.

Os livros podem ser protocanônicos ou deuterocanônicos. Os primeiros são aqueles que entraram no cânon sem qualquer controvérsia e os segundos são aqueles em que houve controvérsia para participarem do cânon (NT).

[15] Talmude: O livro sagrado dos judeus, composto de duas partes, Mishnah e Gemara (NT)

O Jesus Histórico

A existência de Jesus como sendo Jehoshua Ben-Pandira não pode ser posta em dúvida. Um relato afirma que, de acordo com uma genuína tradição judia, "*este homem* (que não é nomeado) *era discípulo de Jehoshua Ben-Perachia*". E continua: "*Ele nasceu no quarto ano do reinado do rei judeu Alexander Jannæus, apesar das afirmativas de seus seguidores de que ele nasceu no reinado de Herodes.*" Isso significa ser mais de um século antes da data do nascimento atribuída ao de Jesus dos evangelhos! Porém será mostrado adiante, que Jehoshua Ben-Pandira pode ter nascido consideravelmente antes do ano 102 ac, apesar disso não ser muito importante aqui.

Jehoshua, filho de Perachia era o presidente do Sinédrio[16] – o quinto, contando a partir de Ezra,[17] que foi o primeiro - um daqueles que por motivos de descendência recebia e transmitia a lei moral, acreditava-se, entregue diretamente do Sinai.

Não poderia haver duas pessoas com esse mesmo nome.

---

[16] Sinédrio – A corte suprema de Israel, onde se reuniam os 21 juízes (NT)

[17] Ezra: (Esdras) um rabino judeu do século 5 ac, que viveu na Babilônia e que foi liberado pelo rei Ciro para voltar a Jerusalém e reconstruí-la. Seu livro contando essa odisséia faz parte do Antigo Testamento (NT)

Este Ben-Perachia começou a pregar como rabino nos anos de 154 ac. Logo, temos que reconhecer que ele nasceu por volta de 180-170 ac, e que isso dificilmente poderia ter ocorrido depois de 100 ac., quando ele foi para o Egito com seu discípulo. Existe o relato de que ele fugiu para lá em conseqüência de uma perseguição feita contra os rabinos, possivelmente ligada à guerra civil, na qual os fariseus se revoltaram contra o rei Alexander Jannæus, em 105 ac.
Se supormos que a idade de seu discípulo, Jehoshua Ben-Pandira, era de quinze anos, isso, facilmente, nos dará uma data aproximada, mostrando que Jehoshua Ben-Pandira pode ter nascido por volta do ano 120 ac. Essa diferença de vinte anos, faz pouca diferença aqui.

De acordo com o Gemara do Talmude babilônico[18], com relação ao tratado denominado "*Shabbath*" no Mishnah, este Jehoshua, filho de Pandira e Stada, foi lapidado[19] por ter sido acusado de feitiçaria, na cidade de Lud ou Lydda, sendo depois crucificado pendurado numa árvore na véspera da páscoa. Essa foi a maneira que Jesus morreu, conforme o livro de Atos[20].

---

[18] O Gemara possui duas versões: o Talmude de Jerusalém, e o Talmude Babilônico. Quando se menciona apenas Talmude, refere-se ao babilônico (NT)

[19] Lapidado: apedrejado até a morte (NT)

[20] Atos 2:23. "Este, sendo entregue por vontade e conhecimento antecipado de Deus, foi pelas mãos dos ímpios, crucificado e assassinado"

A Gemara conta que existe a tradição de que no feriado antes do sábado, crucificaram Jehoshua. O ano de sua morte, todavia não é mencionado, mas existem razões para julgar que não ocorreu muito antes de 70 ac, porque o rei judeu Jannæus reinou do ano 106 a 79 ac. Depois de sua morte, assumiu o governo sua viúva, Salomé, a quem os gregos chamavam de Alexandra, que ficou no poder por cerca de nove anos.

Por outro lado, as tradições, especialmente o primeiro "Toledoth Jehoshua"[21], relatam que a rainha de Jannæus, mãe de Hyrcanus, portanto Salomé, apesar de ser chamada por outro nome, simpatizava com Jehoshua e seus ensinamentos, que ela foi testemunha de seus feitos maravilhosos e de seu poder de cura, que tentou salvá-lo das mãos dos sacerdotes inimigos por ser sua amiga; mas durante seu reinado, que terminou em 71 ac., ele foi executado.

Todos os rabinos e historiadores judeus com quem conversei, sempre negaram a relação entre o Jehoshua do Talmude e o Jesus dos evangelhos. "*Isso que é contado sobre Jehoshua Ben-Perachia e seu discípulo* – observa o rabino Jechiels - *nada tem a ver com aquele que os cristãos reverenciam como 'Deus!'*"

---

[21] *Toledoth Jehoshua* ou *Toledoth Jeschu* ou *Toldot Yeshu* é a história de Jesus contada na visão dos judeus. Acredita-se que tenha sido escrita logo depois do Talmude Babilônico. Pode ser lida aqui: http://jewishchristianlit.com//Topics/JewishJesus/toledoth.html (NT)

Outro rabino, Salman Zevi, expõe 10 motivos para se concluir que o Jehoshua do Talmude não é aquele que depois foi chamado de Jesus de Nazaré.

Este mesmo Jesus de Nazaré (o dos evangelhos canônicos) era desconhecido de Justus, do judeu de Celsus[22] e de Josefo[23], sendo que a menção dele por este último é uma fraude incontestável.[24]

---

[22] Refere-se ao judeu fictício a quem Celsus faz perguntas em seu livro "A Doutrina Verdadeira" (NT)

[23] Josefo - *Titus Flavius Josephus* (37 – 100), também chamado *Joseph ben Matityahu*, historiador judeu (NT)

[24] A existência de um Cristo como indivíduo real e histórico foi discutida por muitas autoridades, inclusive pelo próprio Massey . Ver Cap12 AE e cap 13 NG. Ver também o ensaio de Jon Lange "*Reliability of Sources*" onde se discute a validade desta prova e o testemunho de Josephus (*Flavium Testamentum*). No meu ensaio cito este na sua menção por Eusebio, um contumaz mentiroso e falsário, capaz de tudo para se promover, fraudando tudo e fazendo uma salada com suas crenças de uma mente estreita.
Muitos têm a mesma opinião e, até mesmo um dos chamados estudiosos (o correspondente do Oriente Médio Jeremy Bowen) recentemente disse num programa de TV que somente temos conhecimento da existência de Cristo unicamente pela menção de Josephus. Nenhum autor da época de Cristo faz menção de sua existência, isso é o que solapa qualquer crença nessa figura histórica.
Veja também os sites www.jesusneverexisted.com e o filme *Zeitgeist*, online em www.zeitgeistthemovie.com, que utilizam citações de Massey e usam suas teorias de um Cristo alegórico para descrever fenômenos astronômicos.

Os "*textos blasfemos dos judeus sobre Jesus*" como os chama Justino, o mártir[25], sempre mencionam Jehoshua Ben-Pandira e jamais o Jesus dos evangelhos.

Veja ainda os trabalhos de Achary S, especialmente *Who is Jesus?* e *Cristo no Egito* no seu website www.truthbeknown.com. Em minha opinião, todas as suas pesquisas e conclusões são originadas de Massey. Seu trabalho foi também pesadamente criticado por cristãos e apologistas cristãos que tentam destruir suas teorias através de insistentes contrapontos ligados às suas próprias crenças bíblicas e de citações de alguns autores clássicos que supostamente se referem a Cristo ou Chrestus. Eles não conseguem produzir qualquer contraprova que mostre a sua existência fora das narrativas bíblicas. Um deles, em particular, também condena as citações de Massey feitas por Achary, chamando-o de charlatão que não sabia o que estava fazendo. Estas e outras discussões podem ser encontradas em www.youtube.com. Procure e veja os seguintes filmes/videos:

1. Exposing the Satanic Empire
2. The Evidence for the Existence of Jesus
3. Zeitgeist Challenge
4. Zeitgeist Debunked

É desnecessário dizer que os pesquisadores que produziram tais filmes, leram pouco ou nada da obra de Massey. Um artigo sobre Massey na Wikepedia falando sobre sua obra e a teoria que ele desenvolveu fazendo uma relação entre Cristo e Hórus também pode ser rejeitado, pois, novamente, ele não se fundamente propriamente na obras de Massey, mas sim serve para exibir opiniões, sobre sua obra, de pessoas levianas que claramente não a leram.

[25] Justino - Foi um teólogo cristão, nascido em 100dc e morto decapitado em 165 dc. Por isso é chamado também de Justino, o mártir (NT)

É a Ben-Pandira que se referem quando dizem que possuem outra e mais verdadeira história do nascimento e vida, dos feitos milagrosos e morte de Jehoshua ou Jesus. Esse repúdio é perfeitamente honesto e bem fundado. O único Jesus conhecido pelos judeus era Jehoshua Ben-Pandira, que aprendeu as artes da magia no Egito e que, acusado de feitiçaria, foi condenado a morte por eles. Da mesma forma esse era o único Jesus conhecido por Celsus, o autor de "*A Doutrina Verdadeira*"[26] uma obra que os cristãos se esforçaram para destruir, como fizeram com várias outras que traziam provas contra o cristianismo.

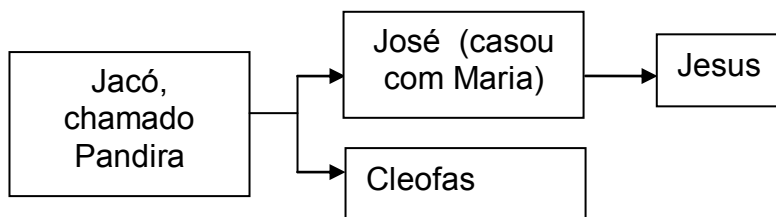
Celsus observa que ele não era o Verbo puro, nem o deus verdadeiro, mas um homem que aprendeu as artes da magia no Egito[27].
Da mesma forma, nas "Clementinas"[28] foi sob o paralelo de Ben-Pandira que novamente descreveram Jesus como feiticeiro.[29]

---

[26] Celsus - "A Doutrina Verdadeira – Um discurso contra os cristãos" também traduzido por mim (NT)

[27] Esta obra perdida de Celsus somente sobrevive em fragmentos na obra de Orígenes "*Contra Celsus*" que traz grande quantidade trechos dela. Contra Celsus, 2.3: "Mas já que é um judeu que faz tais afirmações no tratado de Celsus, podemos dizer a ele: "Tenha paciência, amigo. Por que você acredita que as obras que estão nos seus livros sagrados e foram criadas por deus e escritas por Moisés são realmente divinas e se esforça em refutar aquelas que afirmam mentirosamente que elas foram escritas por feiticeiros, como os bruxos do Egito, enquanto, imitando seus oponentes egípcios, você acusas as obras de Jesus, e as quais, você admite, ocorreram realmente, sem serem divinos?"

Porém o que existe é um fato indiscutível: os judeus não conheciam nada de Jesus, o Cristo dos evangelhos, como personagem histórico; e quando os cristãos do quarto século traçaram sua descendência, pelas mãos de Epifânio[30], foram forçados a colocar Jesus como descendente de Pandira! Epifânio criou a genealogia do Jesus[31] canônico desta forma:

---

[28] Clementinas: coleção de ensaios atribuídos ao papa Clemente I. Foram traduzidas para o latim em 410 (NT)

[29] Enquanto isso, depois de sua agonia, e da escuridão ter coberto o mundo da sexta à nona hora, logo que o sol voltou a brilhar e tudo voltou ao normal, apesar dos homens desamparados estarem da mesma forma, seu medo havia desaparecido. Muitos, examinando o local cuidadosamente, sem poder explicar seu desaparecimento, diziam que ele era um bruxo, outros imaginavam que seu corpo tinha sido roubado.
ANCL 3 - O outro bruxo mencionado neste texto e nas Homilias é, naturalmente, Simão, o mágico, que tentou comprar uma passagem para o paraíso, daí o termo Simonismo. (ver Mead on Simon the magician) Clementine Recognitions, bk. 1, ch. 42.

[30] Epifânio – outro teólogo cristão, considerado patriarca da igreja. Nasceu em 310 e morreu em 403. Foi bispo de Salamis (Chipre) e se notabilizou por combater as heresias (NT)

[31] Contra as Heresias ou Panarion

Isso prova que, no quarto século, a linhagem de Jesus estava ligada a Pandira, o pai daquele Jehoshua que foi discípulo de Ben-Perachia e que se tornaria um dos mágicos do Egito, que seria crucificado como feiticeiro na véspera da páscoa dos judeus, na época da rainha Alexandra, que reinou até o ano de 70 ac – portanto o Jesus, que viveu e morreu mais de um século antes.

Por isso os judeus não identificam Jehoshua Ben-Pandira com o Jesus dos evangelhos, do qual eles, os seus contemporâneos, nada sabiam, e protestam contra a conjetura de uma impossibilidade quando os cristãos identificam seu Jesus como um descendente de Pandira.
Só pode ser ele ou ninguém, já que nem seria o filho de José, nem da Virgem Maria, nem teria sido crucificado em Jerusalém. Não foram os judeus, mas sim os cristãos que fundiram dois supostos personagens históricos em um único!
Se houver apenas um conhecimento histórico ou realidade em ambos os lados, conclui-se que o Jesus dos evangelhos ou é o Jehoshua do Talmude, ou então é outra pessoa.

Isso muda tudo nas bases históricas. O acontecimento da história humana se passou há mais de cem anos da data relatada e destrói com uma só penada o personagem histórico dos evangelhos, juntamente com qualquer outro Jesus que não seja Ben-Pandira.

Em resumo, a história judaica do ser humano será coincidente com a história do ser mítico.

Como Epifanio não conhecia outro Jesus histórico além do descendente de Pandira, é possível que este seja o Jesus cujas tradições[32] são contadas por Irineu.[33]

Irineu nasceu no começo do século II, entre 120 e 140 dc.[34] Foi bispo de Lyons, França, e um amigo pessoal de Policarpo[35]. Ele repete a tradição testemunhada pelos antigos, que dizia ter vindo diretamente de João, "o discípulo do Senhor", que contava que Jesus não foi crucificado aos 33 anos de idade, mas que viveu muito mais que isso até atingir a velhice.
Isso está de acordo com as datas fornecidas pelo Talmude, pois Jehoshua Ben-Pandira deveria ter entre 50 e 60 anos de idade quando foi morto e apenas essa tradição fornece uma pista para a teoria herética[36] de Irineu.

---

[32] "Contra as Heresias" de Irineu aparece em ANCL,5
[33] Ireneu (130 — 202) ou Irineu de Lyon, (latim Irenaeus), foi um padre grego, teólogo e escritor cristão que nasceu, segundo se crê, na província romana da Ásia Menor (Turquia) - ver apêndice (NT)
[34] Ver NG, 2,469
[35] Policarpo: (69-155) bispo cristão de Esmirna, Turquia (NT)
[36] Herética: de heresia - Doutrina condenada pela igreja católica. Os teólogos a definem como um erro voluntário e persistente que se opõe a um dogma da igreja católica – DOGMA: ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível, cuja verdade se espera que as pessoas aceitem sem questionar - declaração de uma doutrina religiosa formulada de modo autoritário e preciso, que se expõe não para ser discutida, mas para crer-se nela. Para ser qualificada como tal, tem de preencher duas condições: ser derivada da revelação e ser promulgada por alguma

Quando se resgata a verdadeira tradição de Ben-Pandira, verifica-se que ele foi o único Jesus histórico que foi pendurado em uma árvore pelos judeus, não foi crucificado da forma romana e dá autenticação às novas afirmações contra a alegoria[37] sideral do Jesus dispensacional[38], o Cristo Croniano[39], o mítico messias[40] dos evangelhos canônicos e o Jesus de Paulo, que não foi o Cristo feito em carne.

---

grande autoridade eclesiástica - originalmente, na Grécia, decisão política de um soberano ou de uma assembléia. (NT)

[37] Alegoria: Ficção, apólogo, parábola – ficção em que se personificam os elementos morais. (NT)

[38] Dispensacional – Dispensacionalismo é um sistema teológico afirmando que a bíblia é melhor compreendida quando se analisa as diversas ações com que deus se relaciona com a humanidade, que são chamadas de "dispensações". Principais pontos são:

- os judeus e os cristãos são povos de deus, porém com tratamento e destinos diferentes dados por deus
- uma distinção fundamental entre lei e graça, que são mutuamente excludentes.
- a visão que o novo testamento é uma mudança dos planos de deus, não prevista no velho
- faz distinção entre "arrebatamento" e "segunda vinda" de Cristo, com a primeira ocorrendo antes da segunda (NT)

[39] Croniano – Refere-se ao culto de Cronus, deus grego equivalente ao Saturno romano (NT)

[40] Messias – palavara hebraica que significa ungido. Ungir é passar óleo sagrado na cabeça para confirmar um rei. Nos livros sagrados dos judeus designa o redentor, o enviado especial que deveria salvar Israel e o mundo. O mesmo que Cristo (*Khristos* -grego) (*christu* – latim) (NT)

Por isso defendo que o Jesus do "outro evangelho" de acordo com os apóstolos Cephas[41] e Tiago[42], que foi repudiado integralmente por Paulo, não era outro senão Ben-Pandira, o nazareno, o mestre de Tiago, de acordo com um seu comentário encontrado no livro Abodazura[43]. De qualquer modo, existem dois Jesuses, ou seja, Jesus e o Cristo, um dos quais é repudiado por Paulo.

Mas Jehoshua, o filho de Pandira, jamais pode ser convertido em Jesus Cristo, o filho de uma mãe virgem, como um personagem histórico. Nem as datas fornecidas podem ser reconciliadas com a história contemporânea. Sabe-se que o Herodes histórico, que procurou matar o menino Jesus, faleceu quatro anos antes da data do começo da era cristã, marcada pelo nascimento de Jesus.

Essa é a parte sobre o Jesus histórico. Passemos ao Cristo mítico. Aqui podemos trilhar em chão mais firme.

---

[41] Cephas – um dos 50 discípulos de Jesus, também confundido com Pedro (NT)

[42] Tiago – discípulo que se supõe ter sido irmão de Jesus – do inglês: *James* (NT)

[43] Ăbōdā Zārā

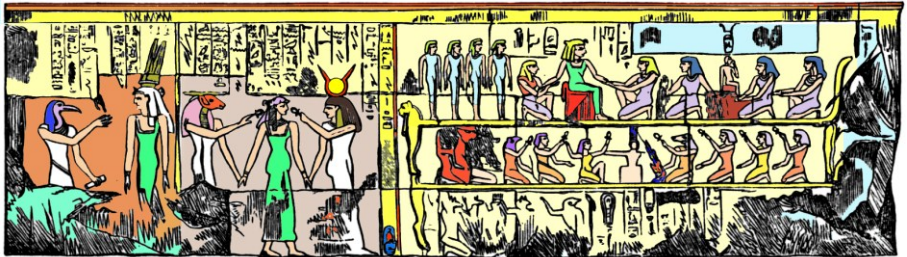
O Cristo Mítico

O Messias mítico sempre nasce de uma Mãe Virgem – um evento que não faz parte dos fenômenos naturais, logo, não pode ser histórico; algo que somente pode ser explicado pela Mitologia e naquelas condições da sociologia primitiva que é baseada na mitologia e preservada na teologia[44].
A mãe virgem tinha sido representada no Egito pela Rainha donzela, *Mut-em-ua*, a futura mãe de Amenhept III, cerca de 16 séculos A.C., e personificava a eterna virgem que produziu a criança eterna.

Quatro cenas consecutivas reproduzidas no meu livro são encontradas retratadas nas paredes internas do Santo dos Santos no templo de Luxor, que foi construído por Amenhept III, um faraó da 17ª dinastia[45]. A primeira cena à esquerda mostra o deus Taht, o Mercúrio Lunar, O Anunciador dos Deuses, no ato de adorar a Rainha Virgem, e anunciar a ela que ela daria a luz a um filho. Na próxima cena o deus Kneph (em conjunção com Hathor), cria essa nova vida.

Esta é a ação do espírito santo ou espírito responsável pela imaculada concepção, sendo Kneph o espírito, em egípcio. Os efeitos naturais estão aparentes na forma rechonchuda da virgem.

---

[44] Teologia: Estudo das religiões e assuntos divinos (NT)
[45] 17ª. dinastia egípcia: 1550 anos antes de cristo (NT)

Na próxima cena, a mãe está sentada no banco da parteira, e a criança recém-nascida está nas mãos de um dos enfermeiros. A quarta cena é a de adoração. Aqui a criança está no trono, recebendo homenagem dos deuses e presentes dos homens. Atrás do deus Kneph, à direita, três espíritos – os Três Magos, ou os Reis Magos da mitologia, estão ajoelhados e oferecendo presentes com sua mão direita, e a vida com a esquerda.

A criança então anunciada, encarnada, nascida e adorada, era a representação faraônica do Sol Aton no Egito, o deus Adon da Síria, e o Adonai hebreu; o Cristo-criança do culto a Aton; a concepção miraculosa da eterna virgem mãe, personificada por Mut-em-ua, como mãe do "único", e representante da mãe divina do jovem Deus-Sol.[46]

---

[46] Ver NG 2:398 e AE 2:757 - A ilustração foi copiada de "*History of Egypt*", vol. 1, p. 68, fig. 61 de Sharpe. "Dentro das muralhas do palácio em Luxor temos a escultura que representa o nascimento milagroso de seu filho, fig. 61. Em primeiro plano, a rainha Mautmes está recebendo a mensagem dos céus, pelo deus Thoth, que ela dará a luz a uma criança. Então o deus Kneph, a toma pela

mão e com a deusa Athor, coloca dentro dela, através de sua boca, a vida para a criança que vai nascer. Então ela é colocada num divã, como era costume fazer com as mães egípcias, como mencionado no livro do Êxodo. Enquanto descansa nele duas enfermeiras seguram suas mãos para lhe dar conforto nas dores do parto e o recém nascido é levantado sobre ela por uma terceira enfermeira. Em outra parte, os sacerdotes e os nobres estão saudando seu futuro rei. Dessa forma a escultura mostra que o jovem rei não teve pai terreno, e isso explica a atribuição a ele do título real de filho de Amon-Ra e também como os gregos, depois, contaram que as rainhas dos egípcios eram concubinas de Júpiter.
Isso também é discutido na "*Mitologia Egipcia*", pp. 18-9. "Essa teoria de nascimento milagroso dos reis fica bem explicada numa série de esculturas na parede do templo de Luxor (ver fig.28). Primeiro, o deus Toth, com a cabeça de um íbis, com um tinteiro e pena na mão esquerda, como mensageiro dos deuses, tal qual Mercúrio dos gregos, diz à rainha donzela Mautmes, que ela terá um filho, que será o rei Amonothph III. Depois, o deus Kneph, o espírito, com cabeça de carneiro, e a deusa Athor, tendo em sua cabeça o sol e chifres de vaca, ambos tomam a rainha pelas mãos e colocam em sua boca o sopro da vida que vai animar a criança em seu ventre. Na terceira parte se vê a rainha recostada em seu divã, como descrito no livro do Êxodo 1:16, tendo duas enfermeiras segurando-lhes as mãos para aliviar o sofrimento do parto, enquanto outra enfermeira segura o recém nascido, sobre o qual está escrito o nome do rei Amonothph III. Ele mantem os dedos na boca pra representar sua infância, ele ainda não aprendeu a falar. Por último vários sacerdotes e deuses, ajoelhados, adoram a criança que está sentada no meio deles, trazendo-lhe presentes. Neste mural temos a anunciação, a concepção, o nascimento e a adoração exatamente como está descrito no primeiro e segundo capítulos do evangelho de Lucas; e se tem certeza histórica de que os capítulos

Estas cenas, que eram míticas no Egito, foram copiadas ou reproduzidas como históricas nos Evangelhos canônicos, onde elas se mantêm como os quatro pilares da Estrutura Histórica, e provam que seus fundamentos são míticos.

Jesus não apenas nasceu de uma maternidade mítica; sua descendência no lado materno é traçada de acordo com esta origem do Cristo mítico.

A virgem era também chamada "a meretriz", porque ela representava o estágio pré-monogâmico da relação sexual; e Jesus descende das quatro formas da prostituta – Thamar, Rahab, Ruth e Bathsheba – sendo cada uma delas um tipo de "estrangeira em Israel," e não uma mulher hebraica. Tal história, entretanto, não mostra que a relação ilícita era o modo natural da descendência divina; nem implica em depravação humana sem precedente. Apenas prova a mitologia.

Na sociologia humana o filho de uma mãe antecedeu o pai, como filho de uma mulher que era uma mãe, mas não uma esposa.

---

no evangelho de Mateus, que narram o nascimento milagroso de Jesus, são acréscimos feitos depois que não constam dos antigos manuscritos, parecendo ser provável que esses dois capítulos poéticos de Lucas também sejam não históricos, mas sim plagiados dos contos egípcios do nascimento milagroso de seus reis."
Ver também "*Christ in Egypt*" de D.M. Murdock, onde ela discute este mural e fornece as diversas opiniões de várias autoridades sobre ele

Da mesma forma tal personagem é atribuído a Jesus, criado para declarar ser anterior a Abraão, que foi o Grande Patriarca dos Judeus; tanto se considerando mítico ou histórico. Jesus declara enfaticamente que ele existia antes de Abraão.

Isto é apenas possível ao Cristo mítico, que precedeu o pai como filho da mãe virgem; e nós encontraremos isso em toda parte. Tudo que é anti-natural e impossível como história humana, é possível, natural e explicável como mitologia.

Pode ser explicado pela mitologia, porque se originou somente naquilo que lhe fundamenta. Por isso, conclui-se finalmente que quanto mais cifrada for sua identificação na história do Evangelho, mais satisfatória é sua explicação pela mitologia; quanto mais mística for a doutrina cristã, mais facilmente pode ser provada como mítica.
O nascimento de Cristo é um evento astronômico[47]. A data do nascimento é determinada pela lua cheia da Páscoa.

Isto pode ocorrer somente a cada 19 anos, como nós ilustramos pela Epacta ou "Número Dourado" do Livro das Preces[48].

---

[47] Massey aqui prova que o acontecimento astronômico, que no calendário de hoje é 25 de dezembro, é a data escolhida pelos antigos para o nascimento de um deus. (NT)
[48] Livro de Orações Regulares p.26. O "*Epact*": o número de dias que deve ser adicionado ao período completo de 12 lunações (ou ano lunar) para que coincida com o ano solar.

Veja bem! De acordo com o ciclo metônico[49] Jesus, o Cristo, somente pode ter um aniversário, ou ressurreição, a cada 19 anos, porque seus pais são o sol e a lua; e isso é mostrado na mais antiga representação conhecida do Homem na Cruz! Isso prova a natureza astronômica e não humana do próprio nascimento, que é idêntico ao nascimento da lua cheia da Páscoa no Egito.

Casini, o Astrônomo francês, demonstrou o fato que a data determinada para o nascimento do Cristo é o evento astronômico[50] na qual a conjunção média da lua com o sol acontecia em 24 de Março, à uma hora e meia da manhã, no meridiano de Jerusalém, durante o equinócio[51].

De acordo com Augustine[52] o dia seguinte, (25) era o dia da Encarnação, porém, de acordo com Clemente Alexandro era a data do Nascimento.

---

[49] Metônico: (*Methonic cycle*) É a coordenação do calendário lunar com as estações do ano. Era praticado na Babilônia, consistindo de 7 meses adicionais, que eram intercalados aos 19 anos lunares. (NT)

[50] ver BB (*A Book of the Beginnings*) 1:46 & NG 2:401

[51] Equinócio: momento em que o Sol, em seu movimento anual aparente, corta o equador celeste, fazendo com que o dia e a noite tenham igual duração. Ponto vernal: equinócio de primavera – Ponto de libra: equinócio de outono (NT)

[52] Ver também o livro de D. M. Murdock (conhecida por Acharya S.), "*Christ in Egypt*", onde nos capítulos preliminares ela discute a data do nascimento de Cristo, 25 de dezembro, e sua relação com o solstício de inverno

Dois dias de nascimento são atribuídos a Jesus pelos patriarcas cristãos, um no Solstício[53] de Inverno, o outro no Equinócio de Primavera. Estes, que não podem ser ambos históricos, são baseados nos dois nascimentos do duplo Hórus no Egito.

Plutarco nos conta que Ísis pariu Hórus, a criança, no momento do Solstício de Inverno, e que o festival do segundo, ou adulto Hórus, era depois do Equinócio de Primavera[54]. Assim, o solstício e o Equinócio de Primavera eram ambos assinalados pelos cristólatras[55] como data do único nascimento de Jesus; e novamente, o que é impossível como história humana é o fato natural em relação aos dois Hórus, a forma dual do deus solar no Egito.

De passagem, podemos aqui apontar a natureza astronômica da crucificação.

---

[53] Solstício: cada uma das duas datas do ano em que o Sol atinge o maior grau de afastamento angular do equador, no seu aparente movimento no céu, e que são 21 ou 23 de junho (solstício de inverno no hemisfério sul e de verão, no hemisfério norte) e 21 ou 23 de dezembro (solstício de verão no hemisfério sul e de inverno, no hemisfério norte) o solstício de inverno é o dia do ano em que o Sol, ao meio-dia, atinge seu ponto mais baixo no céu, e tem-se o dia mais curto do ano e a noite mais longa. O de verão é o dia do ano em que o Sol, ao meio-dia, atinge seu ponto mais alto no céu, e tem-se o dia mais longo e a noite mais curta do ano (NT)

[54] "*On Isis and Osiris*", cap. 65

[55] Cristólatras: adoradores de Cristo (NT)

O Evangelho segundo João expõe uma tradição tão diferente da dos Sinópticos[56] que invalida a história humana de ambos.

Os Sinópticos dizem que Jesus foi crucificado no dia 15 do mês Nisan. João afirma que foi no dia 14 do mês.[57] É uma séria discrepância que compromete todos os fundamentos! Isso não pode ser explicado como história humana.
Mas há uma explicação possível, que, se aceita, prova a mitologia. A crucificação foi, e ainda é, determinada pela lua cheia da Páscoa. Isto, na contagem lunar, seria no dia 14 em um mês de 28 dias; no mês solar de 30 dias isso seria contado para ocorrer no 15 dia do mês.

Unindo-se ambas as versões acaba-se a discrepância, provando que a Crucificação foi astronômica, assim como era no Egito, onde as duas datas podem ser encontradas.

Plutarco também nos conta como o culto mitráico[58] foi especialmente estabelecido em Roma aproximadamente no ano 70 A.C.[59] Acreditava-se que Mitra tinha nascido em uma caverna.

---

[56] Evangelhos sinópticos: São os evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus, que apresentam grande semelhança na apresentação dos fatos. (NT)

[57] Não existe data da crucificação em nenhum dos evangelhos sinóticos, nem em João. Ver por exemplo Mt, 27:31, Mc 15:24, etc

[58] Mitraico: relativo a Mithras, culto persa (NT)

[59] *On Isis and Osiris*, cap. 45. Esta é a única referência que Plutarco faz em sua obra sobre Mithras. A representação da

Onde quer que Mitra fosse adorado, uma caverna era consagrada como seu local de nascimento.

A caverna pode ser identificada, e o nascimento do Messias na caverna, não importa sob qual nome ele nasceu, pode ser definitivamente datado. A "Caverna de Mitra" era o local de nascimento do Sol no Solstício de Inverno,quando isso ocorria no dia 25 de dezembro sob o signo de Capricórnio, com o equinócio de primavera sob o signo de Áries.

Agora o nome akkadiano[60] do décimo mês, aquele de Capricórnio, que corresponde aproximadamente ao nosso dezembro, o décimo mês era chamado *Abba Uddu*, que é a "Caverna da Luz;" a caverna do renascimento do Sol na época mais baixa no solstício, denominada a Caverna da Luz.

Uma caverna também foi descrita como o local de nascimento do Cristo. Isso é encontrado em todos os Evangelhos da Infância[61], e Justino, o mártir, diz, "*Cristo nasceu no estábulo, e depois se refugiou na caverna*".

---

caverna de Mithras pode ser vista na ilustração. Ver também NG 2:499.

[60] akkadiano: refere-se ao imperio Akkadio, na Mesopotâmia, cerca de 3000 ac (NT)

[61] Evangelho da infância de Jesus – considerado apócrifo – APÓCRIFO: Oculto – secreto – Para os primeiros cristãos eram os escritos sem o caráter divino. Hoje, significa não autêntico, aplicado pelos cristãos particularmente aos textos do AT e NT cuja autenticidade não está suficientemente estabelecida e por isso rejeitados pela igreja católica. (NT)

Da mesma forma garantia o fato que o Cristo nascera no mesmo dia em que o Sol renascia no *Stabulo Augiae,* ou, no Estábulo de Augias. A limpeza desse estábulo foi o sexto trabalho de Hércules, o primeiro feito sob o signo de Leão; e Justino estava certo; o Estábulo e a Caverna aparecem no mesmo signo celestial.

Note bem! A Caverna foi o local de nascimento do Messias Solar do ano 2410 A.C até o ano de 255 A.C; depois de 255 ac a data do solstício passou de Capricórnio para o signo de Sagitário; e nenhum Messias, seja com que nome for, Mitra, Adon, Tammyz, Hórus ou Cristo, poderia ter nascido na caverna de *Abba Uddu* ou no Estábulo de Augias no dia 25 de dezembro depois do ano 255 A.C., portanto, Justino não tinha nada além da tradição mitráica do antigo aniversário para provar o nascimento do Cristo Histórico 255 anos mais tarde!

Em seus mistérios[62], os sarracenos celebravam o Nascimento do bebê na Caverna ou Santuário Subterrâneo, do qual o sacerdote anunciava em altos brados:- "*A Virgem pariu: A Luz está prestes a brilhar novamente na noite mãe do ano.*" E os sarracenos não eram seguidores do cristianismo histórico.

[62] Mistérios: as religiões antigas, nas quais a admissão de novos adeptos era feita segundo rituais secretos, só conhecidos dos iniciados - rituais ou segredos de alguma religião, conhecidos apenas pelos iniciados - culto secreto, ao qual não eram admitidos senão os iniciados - algo que é secreto, escondido, não repartido com outros; segredo (NT)

O local de nascimento do Messias egípcio no equinócio de primavera era representado em Apt, ou Apta, o canto; mas Apta é também o nome do Berço e da Manjedoura; assim a Criança nascida em Apta, era considerada como tendo nascida em uma manjedoura; e esta Apta como Berço ou Manjedoura é o caractere hieroglífico para o local do nascimento do sol.
Assim os egípcios exibiam o Bebê no Berço ou Manjedoura nas ruas de Alexandria. O local de nascimento era indicado pelo surgimento do equinócio, quando passava de signo a signo. Também era indicado pela Estrela do Ocidente.

Quando o local de nascimento estava no signo de Touro, Orion era a estrela que nascia no leste para mostrar onde o jovem Deus-Sol renasceria. Assim é chamada a "Estrela de Hórus". Essa era, então, a estrela dos "Três Reis" que visitaram o Bebê; e "Três Reis" ainda é o nome das três estrelas no Cinturão de Órion. Com isso, ficamos sabendo que a lenda dos "Três Reis" tem pelo menos 6.000 anos.

Seguindo a rota da precessão[63], há cerca de 255 A.C., o local de nascimento vernal passou para o signo de Peixes, e o Messias que tinha sido representado por 2155 anos pelo Carneiro ou Cordeiro, e previamente por outros 2155 anos pelo Touro Apis, era agora representado pelo Peixe, ou o "Homem-Peixe",chamado *Ichthys* em grego.

---

[63] Precessão: movimento vagaroso do eixo de rotação de um corpo celeste resultante da influência exercida sobre ele por um ou mais astros (NT)

O Homem-Peixe original – o An do Egito, e o Oan da Caldéia – provavelmente data do ciclo anterior de precessões, ou 26.000 anos antes; e há cerca de 255 A.C. o Messias, como o Homem-Peixe, voltou mais uma vez como o controlador das águas celestiais.
O Messias vindouro é chamado Dag, o Peixe, no Talmude; e os Judeus em certa época conectaram sua vinda com alguma conjunção, ou ocorrência, no signo de Peixes! Isso mostra que os judeus não só conheciam a fábula astronômica, mas também a tradição pela qual ela poderia ser interpretada.

Somente o Messias Mítico ou Croniano que era, ou poderia ser, o assunto da profecia que deveria ser cumprida – profecia que foi cumprida como no livro do apocalipse – quando o equinócio chegou, a cruz foi reerguida, e foram determinados os fundamentos do novo paraíso no signo de Áries, 2410 A.C.; e, de novo, quando o equinócio entrou no signo de Peixes, em 255 A.C.

Profecia que será de novo cumprida quando o equinócio entrar no signo de Aquário aproximadamente no fim deste século, na qual os samaritanos ainda estão esperando pela vinda do seu Messias, que ainda não chegou para eles.

Somente os cristãos comeram a ostra; os judeus e os samaritanos compartilharam as conchas vazias! Os judeus não instruídos, os *idiotai,*[64] certa vez pensaram que a

---

[64] *Idiotai* - palavra da antiga Grécia que designa os idiotas, pessoas desqualificadas para votar. Passou ao latim como *idiota,* cujo significado é pessoa ignorante, tola, estúpida, pretensisoa, etc. (NT)

profecia que era astronômica, e exclusivamente relacionada aos ciclos do tempo, deveria ser cumprida na história humana. Mas eles descobriram seu erro, e o passaram essa história sem explicação para os, ainda mais ignorantes, cristãos.
A mesma tradição da vinda do Único existe entre os milenaristas e adventistas[65], assim também como entre os muçulmanos. É a tradição do El-Mahdi, o profeta que virá nos últimos dias para conquistar todo o mundo, que apareceu anteriormente no Sudão com o velho anúncio do "*Dia do Senhor chegou*", o que mostra que a alegoria astronômica deixou algumas relíquias da verdadeira tradição entre os Árabes, os quais eram na época versados em conhecimento astronômico.

O Messias, como o Homem-Peixe[66], foi profetizado por Esdras surgindo do mar como "*aquele a quem o Deus altíssimo guarda por longas eras e que deverá liberar de acordo com sua vontade*." [67]

---

[65] Milenarismo é a crença que a cada 1000 anos o mundo sofre mudanças extremamente importantes. Os cristãos milenaristas acreditam que a vinda de Jesus acontecerá na entrada de um milênio. Os judeus milenaistas também esperam seu messias nesse período. Os adventistas esperam a volta de Jesus a qualquer momento. (NT)
[66] 2 Esd. 13:26
[67] Esdras: Massey se refere ao livro apócrifo Esdras, chamado 2 Esdras – cap 13v26 (NT)

O antigo Homem-Peixe sairá do mar para falar aos homens e ensiná-los apenas durante o dia. "*Quando o sol se esconder*", diz Berosus, "*era o costume desse Ser submergir novamente no mar, e permanecer toda a noite nas profundezas*."[68] Dessa forma o homem previsto por Esdras é apenas visível durante o dia.

Como foi escrito, "*Nenhum homem sobre a terra pode ver meu filho, ou aqueles que estão com ele, a não ser durante o dia*".[69] Isto é parodiado ou cumprido de acordo com Ichtys, o Peixe, o Cristo que instrui homens de dia, mas se retira para o lago da Galiléia, onde ele demonstra sua natureza solar andando pelas águas à noite, ou ao nascer do dia.

Conta-se que seus discípulos estando a bordo de um barco, "*quando era noite, na quarta vigília da noite, Jesus foi até eles andando pelo mar*".[70] A quarta vigília começava às três horas da manhã, e terminava às seis horas.

---

[68] Cory, *Ancient Fragments*, p. 57

[69] 2 Esd. 13:52.Ibid. "Está fora do alcance de qualquer homem explorar as profundezas do mar e descobrir o que existe nela; do mesmo modo ninguém na terra pode ver meu filho e seu séquito antes do dia marcado."

[70] Mc 6:48. "E vendo a dificuldade que tinham em remar pois o vento estava contra eles, por volta da quarta vigília da noite ele foi até eles, caminhando sobre o mar, passando até por eles."

Assim, essa era aproximadamente a hora apropriada para um Deus solar aparecer andando sobre as águas, ou saindo delas como Oannes.[71]

Conta-se que Oannes não tinha comido nada enquanto ele estava com os homens: "*Durante o dia ele costumava conversar com os homens, mas não comia nesse período.*" [72]Da mesma forma Jesus, quando os discípulos pediam a ele, dizendo: "*Mestre, coma*" respondia, "*Eu tenho para comer um alimento que não conheceis. Meu alimento é fazer a vontade Daquele que me enviou.*"[73]

Isto está em perfeita semelhança com o personagem de Oannes, que não comia, mas cujo tempo era inteiramente dedicado a ensinar aos homens. E mais, o mítico Homem-peixe é feito para identificar a si mesmo. Quando os fariseus pediram um "sinal do céu", Jesus disse, "*Nenhum sinal será dado a não ser o sinal de Jonas.*

---

[71] *Oannes* era o nome dado pelos gregos ao deus babilônico Ea. Na mitologia da Babilônia - 7.000 anos atrás - Ea era o deus das águas. Era mostrado com a parte superior do corpo humana e a parte inferior como peixe. Ele foi o responsável por passar todo o conhecimento aos humanos. (NT)

[72] Cory, *Ancient Fragments*, p. 57

[73] Jo 4:32-34. "Então ele falou a eles: Tenho um alimento, que vós não conheceis. E os discípulos se perguntaram: Será que alguém vai trazer comida para ele? Então Jesus disse a eles: Meu alimento é fazer a vontade daquele quem me enviou e terminar sua obra".

Assim como Jonas se tornou um sinal para os ninivitas, assim deve também o filho do homem ser para esta geração."[74]

O símbolo para Jonas é igual ao de Oannes, ou Homem-peixe de Nínive, como se pode constatar diretamente dos monumentos, ou da história hebraica de Jonah, ou do Zodíaco.

A voz da secreta sabedoria aqui diz verdadeiramente que aqueles que estão procurando por sinais, não poderão encontrar outro senão aquele que é enviado pelo Homem-Peixe, Ichthys, Oannes, ou Jonas; e certamente, não há outro sinal ou data – do que aquelas de Ichthys, o Peixe que renasceu da deusa-peixe, Atergatis, no signo de Peixes, 255 A.C. sendo por isso, motivo para que os primitivos cristãos fossem chamados pequenos peixes, ou *Pisciculi*.

Esta data de 255 A.C era o verdadeiro dia do nascimento, ou melhor, do renascimento do Cristo celestial, e não havia razão válida para mudar as épocas do mundo.

Os Evangelhos contêm um intrincado e confuso registro da primitiva crença cristã: fatos mais corretamente encarados como originados (Lucas) de certas questões míticas, eram ignorantemente confundidos como humanos e históricos.

---

[74] Lc 11:29-30. "E, depois que o povo se ajuntou, ele começou a falar: Essa é uma geração perversa: ela busca por um sinal, mas não existe sinal, a não ser o do profeta Jonas. Pois assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas assim também será o filho do homem para esta geração".

O Jesus dos nossos Evangelhos possui pouca realidade humana, a despeito de todas as tentativas de tornar natural o Cristo Mítico, e fazer a história parecer racional.

A religião cristã não foi baseada em um homem, mas em uma divindade; isto é, um personagem mítico. Muito longe de ser derivado do homem modelo, o típico Cristo foi criado com características de vários deuses, de certa forma, algo como aqueles "modelos pictóricos" retratados pelo Sr. Galton, nos quais traços de diversas pessoas são fotografados e fundidos num retrato de uma dúzia de diferentes pessoas, combinadas em uma, que não representava ninguém.[75] E na mesma rapidez que o Cristo composto se despedaça, cada característica é reforçada, cada personagem é fundido com seu semelhante original de forma sólida, como que pela força da gravidade.

Não que eu negue a divindade de Jesus, o Cristo; eu a confirmo! Ele nunca foi, e nunca poderia ter sido, outra coisa que uma divindade; isto é, um personagem não humano e inteiramente mítico, que se apossara da divindade pagã de vários mitos pagãos, que tinham sido pagãos por milhares de anos antes de nossa Era.

Nada é mais certo, de acordo com evidência honesta, que o esquema cristão da redenção é baseado sobre uma fábula mal interpretada; que a profecia de cumprimento era apenas astronômica, e "Aquele que Vem como o Cristo" que veio no fim de uma era, ou do mundo, desde o início, nada mais era

[75] NG 2:480

que uma figura metafórica, um tipo de tempo, que nunca poderia tomar forma sob uma personalidade histórica, como se o tempo se transformasse em pessoa e pudesse sair do relógio quando batessem as horas; que Jesus não poderia se tornar um Nazareno por nascer, ou por ser levado, em Nazaré; e que a história de nossos Evangelhos é, do início ao fim, identificável com a história do Deus-Sol e do Cristo Gnóstico[76] que jamais poderia ter sido encarnado. Quando nós não conhecíamos um era possível acreditar no outro, mas uma vez que realmente os conhecemos, então não é mais possível ter falsa crença.

O Messias mítico era Hórus no mito de Osíris; Har-Khuti no de Sut-Typhonian; Khunsu no de Amon-Ra; Iu no culto de Aton-Ra; o Cristo dos Evangelhos é um amálgama de todos esses personagens.

O Cristo é o Bom Pastor! Assim também era Hórus.
Cristo é o Cordeiro de Deus! Assim também era Hórus.
Cristo é o Pão da Vida! Assim também era Hórus.
Cristo é a Verdade e a Vida! Assim também era Hórus.
Cristo é o Portador do Leque! Assim também era Hórus.
Cristo é o Senhor! Assim também era Hórus.

---

[76] Gnóstico: pertencente ao Gnosticismo: Sistema de filosofia religioso, cujos partidários diziam ter conhecimento completo e transcendental da natureza e dos atributos de deus. Segundo eles, o mundo em que vivemos foi emanado por um deus inefável, do qual nada se pode afirmar. O mundo foi habitado primeiramente por espíritos puros e depois veio a matéria, o princípio do mal. Daí, sua condenação absoluta da vida material. (NT)

Cristo é o Caminho e a Porta da Vida! Hórus era o caminho pelo qual os mortos saiam do Sepulcro. Ele é o deus cujo nome está escrito com o sinal hieroglífico da Estrada ou Caminho.

Jesus é aquele que deveria vir; e Iu, a raiz do nome em egípcio, significando "vir." Iu-em-hept, como Su, o Filho de Aton, ou de Ptah, era o "que Sempre Vem", sendo constantemente retratado como um jovem caminhante, no ato e atitude de vir. Hórus tinha ambos os sexos. A Criança (ou a alma) pode ter dois sexos e potencialmente, ambos. É, portanto, uma divindade hermafrodita; e Jesus, no Apocalipse, é o Jovem Homem que tem mamilos femininos.

Iu-em-hept significa aquele que vem em paz. Esta é a característica na qual Jesus é anunciado pelos anjos! E quando Jesus vem até seus discípulos depois da ressurreição, vem como aquele que traz a paz. "*Aprendam de mim e encontrarão descanso*,"[77] disse o Cristo. Khunsu-Nefer-hept é o Bom Repouso, a Paz em Pessoa!

O Jesus egípcio, Iu-em-hept, era o segundo Aton; O Jesus de Paulo é o segundo Adão. Em uma interpretação do Evangelho de João, ao invés de "*o único Filho de Deus gerado*," pode-se ter em uma forma alternativa, "único deus gerado", que se considerava como uma interpretação impossível.

---

[77] Mt. 11:29. "Tomai sobre vós meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para vossas almas".

Mas o “único deus gerado” era um tipo especial na mitologia egípcia, e a expressão re-identifica a divindade cujo emblema é um besouro. Hor-Apollo disse, “*para denotar o único gerado ou um pai, os egípcios adotavam um escaravelho! Por ele simbolizavam um único gerado, porque a criatura é auto-produzida, não sendo concebida por uma fêmea.*”[78]

---

[78] *Hieroglyphica*, lv. 1. 10 - “Para descrever uma gravidez, ou um pai, ou o mundo, ou um homem, eles escolheram o escaravelho. Com ele queriam simbolizar uma concepção especial, porque o escaravelho é uma criatura que replica a si mesmo, não precisando de fêmea para procriar, cujo processo se realiza de uma forma única: quando o macho quer procriar ele toma um bolo de excremento de gado e o enrola para que fique esférico como a forma do globo terrestre; então o rola para longe, na direção do oriente para o ocidente, tendo a cabeça sempre voltada para o oriente, o que pode significar com isso a figura do mundo (que gira do oriente para o ocidente, enquanto as estrelas vão do ocidente para o oriente). Depois, cava um buraco, e deposita a bola nele e a deixa ali por 28 dias (pois é esse o tempo gasto pela lua para passar pelos 12 signos do zodíaco). Ao ficar esse tempo exposto à lua, a bola ganha vida e entre o nono e vigésimo dia; depois de abrir a bola, ele a lança na água, um cuidado necessário pois nesse período acontecerá a conjunção do sol e da lua, bem como a geração da vida na terra. Então, da bola aberta lançada na água, nasce um novo escaravelho. Por isso simboliza a geração, e também o pai, porque o escaravelho é gerado apenas pelo pai, e o mundo, porque a bola que utiliza se assemelha à Terra; e o homem, porque não existe fêmea na sua descendência. Além disso existem três espécies de escaravelho, uma semelhante a um gato, cuja raça é consagrada ao sol por sua similaridade: o gato macho muda a forma de sua pupila dos olhos de acordo como curso do sol: de manhã,

Por isso o jovem que incorporava o Deus-Besouro era este Iu-em-hept, o Jesus egípcio.

A típica fraseologia de João é semelhante às Inscrições, que contam que ele era o começo da transformação a partir do princípio, aquele que criou todas as coisas, mas que não foi criado. Eu cito textualmente. E o Deus-Besouro não ficava somente como "único Deus -gerado"; a forma de besouro foi também utilizada como um símbolo do Cristo.

Ambrósio e Agostinho, entre os patriarcas cristãos, identificaram Jesus com ele, e como sendo o "bom Escaravelho,"[79] que mais tarde identifica o Jesus do

---

quando os deuses acordam, elas estão dilatadas, no meio do dia, estão redondas e à tarde parecem que brilham menos, daí que a estátua do deus na cidade do sol tem a forma de um gato. Todo escaravelho tem 30 patas, que correspondem aos trinta dias do mês, no qual o sol (a lua?) realizam seu curso. A segunda espécie é a que tem a forma de dois chifres de boi, que é consagrada à lua, pois as crianças dos egípcios dizem que o touro nos céus é a exaltação da deusa. A terceira espécie é que tem forma de um íbis com um só chifre, que dizem ser consagrada à Hermes (Thoth), da mesma forma que um íbis. (Ver também BB 1:6 para mais referências sobre esse capitulo)

[79] *Ambrose Works*, Paris, 1686, vol. 1, col. 1528. "depois do começo do cristianismo ainda se sentia a influência do escaravelho. Santo Ambrósio, arcebispo de Milão chamava Jesus de "*o bom escaravelho que rolava diante dele a lama infeliz de nossos corpos*". Ver Myers, *Scarabs*, p. 63. Ver ainda BB 1:233, BB 2:317, NG 2:408. Ver AE 2:732 onde ambas as citações e a acima são mencionadas na mesma página.

Evangelho de João com o Jesus do Egito, que era o Sempre Vindouro, e Aquele que traz a Paz, quem demonstrei anteriormente[80] ser o Jesus que é descrito no Livro de Eclesiástico, que foi classificado como Apócrifo.

De acordo com o prolongamento dos símbolos Kamitas, também foi assegurado por alguns sectários que Jesus era um oleiro, e não um carpinteiro; e o fato é que este único-gerado Deus-Besouro, que é retratado sentado na roda do oleiro moldando um Ovo, ou modelando o vaso-símbolo da criação, era o Oleiro em pessoa, assim como o único-gerado deus no Egito.

O personagem e os ensinamentos do Cristo canônico são compostos de contradições que não podem ser harmonizadas com as de um ser humano, embora elas sejam sempre verdades para a mitologia.

Ele é o Príncipe da Paz, e ainda declara que não veio trazer a paz: "*Eu não vim trazer a paz, mas a espada*,"[81] e não apenas é Iu-em-hept, Aquele que traz a Paz como nome de um personagem; ele é também a Espada personificada no outro. Neste ele diz, "*Eu sou a imagem viva de Aton, procedendo dele como uma espada.*" Ambos os personagens pertencem ao Messias mítico no Ritual, que também se chama o "Grande Perturbador," e o "Grande Tranqüilizador" – o "Deus dos conflitos," e o "Deus Paz."

---

[80] NG 2:83

[81] Mt. 10:34. "Vejam que não vim trazer a paz para a terra: não vim trazer a paz, mas sim a espada"

O Cristo dos evangelhos canônicos tem muitos protótipos, e algumas vezes a cópia é derivada ou o atributo é copiado de um original, e algumas vezes de outro. O Cristo do Evangelho de Lucas tem um caráter inteiramente distinto daquele do Evangelho de João. Aqui ele é o Grande Exorcista, e expulsador de demônios. O Evangelho de João não contém nenhum caso de possessão ou obsessão: nenhum certo homem que "tinha demônios há muito tempo";[82] nenhuma criança possuída por um demônio; nenhum homem cego e mudo possuído por um demônio.

Outros milagres são realizados pelo Cristo de João, mas não estes; porque o Cristo de João é um tipo diferente. E o original do Grande Curandeiro no Evangelho de Lucas pode ser encontrado no deus Khunsu, que era o Curandeiro Divino, o supremo entre todos os curandeiros e salvadores, especialmente como exorcista de demônios, e expulsador de espíritos possuidores. Ele é chamado nos textos de "O Grande Deus, o exterminador da possessão."

Na lápide da "Princesa Possuída", este deus em sua efígie foi chamado pelo chefe de Bakhten, para que pudesse vir e expulsasse um espírito possuidor da filha do rei, que tinha um movimento maligno nas suas pernas.[83] O demônio reconheceu a divindade assim como o demônio reconheceu Jesus, o exorcista de espíritos malignos.

---

[82] Lc 8:27. "E logo que saltou em terra, veio ter com ele um homem que, há muito tempo, estava possuído por demônios, que não vestia roupas, não tinha casa e morava nos sepulcros".
[83] Birch, '*Possessed Princess*,' RP, 4, 53

Também o deus Khunsu é o Senhor sobre o porco – um tipo de Sut[84]. Ele é retratado no disco da lua cheia de Páscoa, no ato de oferecer o porco como um sacrifício. Além disso, nas cenas do julgamento, quando os espíritos malignos são condenados e enviados de volta ao abismo, o modo deles retornarem ao lago da matéria primordial é entrando nos corpos de suínos.
Diz Hórus aos deuses, falando deste condenado: "*Quando eu o enviei de volta ao seu lugar, ele se transformou em um porco negro.*"

Assim, quando o Exorcista, no Evangelho de Lucas, expulsa a Legião, os demônios pedem permissão ao dono dos porcos para entrar neles, e ele permite que partam.[85]

Isto, e muito mais que podia ser provado, tende a diferenciar o Cristo de Lucas, e identificá-lo com o Khunsu, ao invés de Iu-em-hept, o Jesus egípcio, que é reproduzido no Evangelho segundo João.

---

[84] Sut : um tipo de satã egípcio (NT)

[85] Lc 8:30-35. "E Jesus lhe perguntou qual era o seu nome. Ele respondeu: *Legião*, porque estava possuído por muitos demônios. E pediram a ele que não os lançasse nas profundezas. Havia por perto uma manada de porcos pastando e eles pediram que ele os deixasse possuir os porcos. E ele assim fez. Os demônios saíram do homem e entraram nos porcos, que imediatamente correram e se atiraram num lago se afogando. Quando os donos dos porcos viram aquilo, correram para cidade a fim de contar o fato. E todos foram procurar Jesus e encontraram o homem que se livrara dos demônios, sentado aos pés de jesus, vestido e sem mais estar louco. E todos ficaram com medo".

Deste modo pode ser provado que a história do Cristo nos Evangelhos é um longo e completo catálogo de semelhanças com o Messias mítico, o deus solar ou luni-solar.

A "Litania[86] de Ra," por exemplo, é dedicada ao Deus-Sol em uma variedade de caracteres, muitos dos quais são designados ao Cristo dos Evangelhos. Ra é o Poder Supremo, o Besouro que descansa no firmamento, que nasceu como seu próprio filho. Isto, como já foi dito, é o Deus do Evangelho de João, que diz: "*Eu e o Pai somos um*,"[87] ou seja é o pai nascido como seu próprio filho; e também, a respeito de conhecer e ver o filho, "*de agora em diante vocês o conhecem e o viram*";[88] isto é, viram o Pai.

Ra é designado como a "Alma que fala". Cristo é o Verbo. Ra é o destruidor do veneno. Jesus diz: "*Em meu nome devem recolher serpentes, e se beberem qualquer coisa mortal isso não os afetará*."[89]

---

[86] Litania: ladainha - prece litúrgica estruturada na forma de curtas invocações recitadas pelo celebrante, que se alternam com as respostas da congregação (fiéis e/ou religiosos) (NT)

[87] Jo 10:30. 'Eu e meu pai somos um só'.

[88] Jo 14:7. "Se me conheceres, também conhecerão a meu pai: e daí em diante conhecerão e terão visto a ele".

[89] Mc 16:17-18. "E estes sinais seguirão aqueles que crerem; em meu nome expulsarão demônios, falarão línguas estrangeiras, ficarão imunes ao veneno das cobras, e se tomarem qualquer veneno, nada sofrerão, imporão as mãos sobre os doentes e eles serão curados".

Quando o personagem de Ra é marginalizado, Jesus também é mostrado como desamparado.

Ra é o "tímido que derrama lágrimas na forma do Aflito." Ele é chamado Remi, o que chora. Esse deus que chora passa através de "Rem-Rem," o lugar do pranto, e lá conquista a fé dos seus seguidores. No Ritual[90] o Deus diz: "*Eu devastei o lugar de Rem-Rem*." Esta característica é apresentada por Jesus na lamentação sobre Jerusalém que seria arrasada. As palavras de João, "*Jesus chorou*" são como uma estátua esculpida do "Aflito," como Remi, o que chora.

Ra é também o deus que "faz a múmia caminhar." Jesus fazia múmia caminhar na forma de Lázaro; e nas catacumbas romanas o Lázaro ressurgido não é apenas representado como uma múmia, mas como uma múmia egípcia que tinha sido eviscerada e enfaixada para a habitação eterna. Ra diz para a múmia: "*Saia da tumba!*" e Jesus brada: "*Lázaro, saia da tumba!*" [91]Ra se apresenta como "aquele que queima, o que traz a destruição," ou "envia seu fogo no local de destruição." "*Ele envia fogo sobre os rebeldes*," sua aparência é aquela do "Deus da fornalha."

---

[90] Ritual (Rit)- Ritual de Funeral ou "*O Livro dos Mortos*" egípcio (NT)

[91] Jo 11:43. "Depois de orar, ele comandou em alta voz: Lázaro, levanta-te".

Cristo também vem na pessoa deste "que queima"; o que envia a destruição pelo fogo. Ele é proclamado por Mateus para ser o que batiza pelo fogo. Ele diz, "*Eu vim para trazer fogo à terra*."[92]

Ele é representado como "Deus da fornalha," que "*queimará o joio com fogo que não se extingue!*" Ele irá lançar os rebeldes numa "fornalha de fogo," e enviar os condenados ao fogo eterno. Tudo isso que era normal quando aplicado ao Deus-Solar, é considerado que se torne sobrenatural quando mal aplicado a um determinado ser humano que jamais teria condições de assim ser. O fogo solar foi a inspiração para a origem africana do fogo do inferno e do inferno teológicos.

A Litania de Ra reúne os vários personagens que compõe o Deus total (chamado Teb-temt), e os Evangelhos reúnem os resquícios míticos; assim o resultado é, em cada caso, idêntico, ou inteiramente similar. Do princípio ao fim os Evangelhos Canônicos contém o drama dos mistérios do deus luni-solar, narrados como uma história humana.

A cena no Monte da Transfiguração é obviamente plagiada da ascensão de Osíris ao Monte da Transfiguração na Lua. O sexto dia era celebrado como aquele da mudança e transformação do deus solar no orbe[93] lunar, onde ele reentrava naquele dia como o regenerador de sua luz.

---

[92] Lc 12:49. "Eu vim para incendiar a Terra, isso é tudo que quero".

[93] Orbe: corpo esférico em toda a sua extensão; esfera, globo, redondeza - região, linha ou movimento circular; círculo,

Com isso pode-se comparar a declaração feita por Mateus, que "*depois de seis dias Jesus foi sozinho a uma alta montanha, e foi transfigurado, e sua face brilhava como o sol* (é claro!), *e suas vestes se tornaram brancas como a luz*."[94]

No Egito, o ano começava logo apo o Solstício de Verão, quando o sol descendo de seu mais alto ponto no meio do verão, perdia sua força, e diminuía em seu tamanho. Isto representava Osíris, que tinha nascido da Mãe Virgem como a criança-Hórus, o pequeno infantil sol do Outono; o messias como era representado: sofredor, ferido e sangrando. Ele descia ao inferno, ou Hades, onde era transformado no viril Hórus, e se erguia novamente como o sol da ressurreição na Páscoa.

Nestes dois personagens de Hórus nos dois horizontes, Osíris se apresentava nos dois tipos do Cristo canônico, que mostra muito satisfatoriamente COMO o mítico determina as fronteiras além das quais o histórico não vai, não se atreve a ir.

---

circunferência, volta - a área, o espaço redondo circunscrito pela órbita de um astro- o mundo, a Terra, o universo - território a que pertence um povo; país, nação, terra - área em que se exerce ou se difunde determinada atividade; esfera, campo, setor (NT)

[94] Mc 9:2-3. "E depois de seis dias, Jesus tomou com ele Pedro, Tiago e João, levando-os a uma alta montanha e num lugar escondido se transfigurou diante deles. Suas vestes tornaram-se brilhantes e tão brancas como a neve, um branco que jamais poderia ser obtido por um lavandeiro na terra".

O primeiro era a criança-Hórus, que sempre permaneceu criança. No Egito, o menino ou menina usavam a trança de Hórus da infância até os 12 anos de idade. Assim a infância terminava aproximadamente no décimo segundo ano. Mas embora a idade adulta estivesse então iniciada pelo jovem, e tivesse começado a transformação do menino no adulto, a completa maturidade não era adquirida até os 30 anos de idade. O homem de 30 anos de idade era o típico adulto. A idade da fase adulta era 30 anos, assim como era em Roma de acordo com a *Lex Pappia.*

O *homem feito* é o homem cujos anos são trincas de dez, chamado *Khemt.* Assim é com o homem, assim é com o deus; e o segundo Hórus, o mesmo deus no seu segundo personagem, é o *Khemt* ou *Khem-Horus*, o adulto típico de 30 anos.

O deus até os doze anos era Hórus, o filho de Ísis, a criança da mãe, o frágil. O Hórus viril (o sol na sua força vernal), o adulto de 30 anos, representava a Paternidade, e este Hórus é o filho ungido de Osíris.

Estes dois personagens como Hórus a criança e Hórus o adulto de 30 anos, são reproduzidos nas únicas duas fases da vida de Jesus nos Evangelhos.
João não fornece fatos históricos da época em que o *Verbo* se fez carne; nem para a infância de Jesus; nem para a sua transformação no Messias.
Mas Lucas nos conta que *a criança de doze anos* era o jovem maravilhoso, e que ele crescia em conhecimento e estatura.

Esta é a duração dos anos atribuídos a Hórus-criança; e esta fase da vida do Cristo-criança é seguida pelo batismo e unção, a descida do espírito emplumado com a consagração do Messias no Jordão, quando Jesus "*estava com a idade de cerca de 30 anos.*"

A primeira unção era a consagração da puberdade; e nesse caso, ao completar a idade do típico adulto, o Cristo, que antes havia sido uma criança, o filho da Mãe Virgem, é subitamente transformado no Messias, como o ungido do Senhor.
E assim como o segundo Hórus tinha sido regenerado, e dessa vez gerado do pai, assim também na cena da transformação do batismo no Jordão, quando o pai, autenticando que a mudança para a fase adulta tinha sido completada, fala do céu dizendo: "*Este é o meu filho amado, em quem Eu coloquei minha complacência*;"[95] e sendo representado pela pomba que desce, como era com o surgimento do espírito da puberdade, ou *Ruach*, conhecido como espírito de deus.

Portanto não há história desde a época quando o Cristo-menino tinha cerca de doze anos de idade, até a do típico *homem feito* do Egito, que era a idade atribuída a Horus quando se tornou deus adulto. Isto está exatamente de acordo com a fábula Kamita do duplo-Hórus.

---

[95] 2 Pd 1:17. "Pois ele foi glorificado e honrado pelo pai, quando se ouviu uma voz do céu dizendo: Este é meu filho amado, no qual coloquei toda minha complacência".

E somente a mitologia pode ser responsável pelo abismo, bastante grande e profundo para desprezar uma história de 18 anos.

A Infância não pode ultrapassar o décimo segundo ano, e o Hórus-criança sempre permaneceu criança; assim como o Cristo-criança permaneceu na Itália, e nos contos folclóricos alemães. O registro mítico encontrado na natureza não vai além, e então consequentemente a história pára dentro dos limites prescritos, para recomeçar com o ungido e regenerado Cristo da idade do Khem-Hórus, o adulto de 30 anos.

E esses dois personagens de Hórus necessitavam uma dupla forma de mãe, que se divide em duas irmãs divinas, Ísis e Nephtys. Jesus também foi bi-mater, ou com dupla mãe; e as duas irmãs reaparecem nos Evangelhos como as duas Marias, ambas as quais são mães de Jesus. Novamente, isso que é impossível como história humana, é perfeitamente possível de acordo com a sua explicação dada pela mitologia.

Na forma de Hórus-criança, Osiris desceu à terra; se tornou matéria, e se tornou mortal. Ele nasceu como o Logos[96], ou "como o Verbo." Seu pai é Seb, a terra, cuja esposa é Nu, o céu, da qual um dos nomes é MERI, a Dama do Céu; e esses dois são os protótipos de José e Maria.

---

[96] Logos: Na filosofia de Platão "logos" era deus como fonte de idéias – Para a escola dos neoplatônicos: uma das formas da divindade – para os cristãos: o filho de deus, a segunda pessoa da trindade. (NT)

Dizem que ele enviará à Terra um substituto e através dele sofrerá como o Salvador, Redentor e Justificador dos homens.

Nesses dois personagens havia um conflito constante entre Osíris e Typhon, o Poder Maligno; ou Hórus e Sut, o Satã egípcio. No equinócio de Outono, o demônio da escuridão começava a dominar; este era o Judas egípcio, quem traiu Osíris na sua última ceia, levando-o a morte. No dia da Grande Batalha no Equinócio Vernal, Osíris, como o deus ascendente, conquistava o Senhor da luz crescente. Ambas essas lutas são retratadas nos Evangelhos.

Em uma, Jesus é traído por Judas, o que o levou a morte; em outra ele ressurge vencedor de Satã. Este último conflito acontece imediatamente após o batismo. Dessa maneira: Quando o sol estava a meio caminho voltando do signo de Leão, ele cruzou o Rio do Homem da água, conhecido no Egito como Iarutana, hebreu Jordão, grego Eridanus.

O batismo ocorria nesta água e acontecia a transformação do Hórus-criança no adulto viril, o conquistador do poder maligno. Hórus se transforma, ganhando a cabeça de falcão, justamente onde a pomba desceu e pairou sobre Jesus. Ambos os pássaros representavam a alma viril que constituía o ungido na puberdade. Com esse poder adquirido Hórus vencia Sut, e Jesus sobrepujava Satã.

Ambos os batismos e as lutas são mencionados no Ritual.

"Eu fui lavado com a mesma água que o Bom Abridor (Un-Nefer) se lava quando enfrenta Satã, esta justificação deve ser feita para Un-Nefer, o Verbo feito Verdade,"[97] ou o Verbo que é Lei.

Da mesma forma a cena entre o Cristo e a Mulher na Fonte pode ser encontrada no Ritual. Nele a mulher é Nu, a dama com longos cabelos, que é esposa de Seb – e os cinco maridos podem ser relacionados com seus cinco deuses-estrelas nascidos de Seb. Osíris bebe da fonte "para matar sua sede". Ele também diz: "*Eu produzo a água. Eu abro caminho pelo vale, no Lago do Grande. Chamam-me de aquele que abre estradas*". "*Eu sou o Caminho pelo qual eles saem do sepulcro de Osíris*."[98]

Igualmente o Messias se revela como a fonte de água viva, "que jorra na Vida eterna." Mais tarde ele diz, "*Eu sou o caminho, a verdade, a vida*."[99] Hórus diz "*Eu produzo a água, separando as fontes,*".

---

[97] Rit. cap. 146. Cf. Renouf's tr. - Aqui se pode notar como Massey escreve assumindo certa liberdade. Melhor faria se tivesse usado colchetes em suas próprias interpretações de certas palavras ou nomes como Seth [satã], etc

[98] Rit. cap. 117. Cf. Renouf's tr.

[99] Jo 4:14. "Quem quer que beba da água que lhe darei jamais sentirá sede, pois a água que darei ficará nele jorrando como uma fonte por toda a sua vida". - Jo 14:6. "Jesus disse a eles: Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém chega até ao Pai a não ser através de mim".

Jesus diz, "*A hora é chegada quando vocês deixarem de adorar o pai, quer nessa montanha ou em Jerusalém*."[100] Jesus diz que esta fonte da vida foi dada a ele pelo Pai. No Ritual isso é relatado assim "*Ele é vosso, ó Osíris! Uma fonte, ou fluxo, sai de vossa boca para ele!*"[101]

Também, a fonte paternal é reconhecida em outro texto. "*Eu sou o Pai, inundando quando há sede, velando pela a água. Assim eis-me aqui*." Mais ainda, em outro capítulo a fonte de água viva se torna o Poço da Paz. O narrador diz, "*A fonte veio até mim. Eu me lavo no Poço da Paz*."[102]

Em hebraico, o Poço da Paz é o Poço de Salém, ou Siloam. E aqui, não apenas o poço é descrito como aquele no qual os fiéis de Osiris são purificados e curados; como também, que em horas pré-determinadas, o Anjo ou Deus desce nas suas águas. "*Os deuses das águas puras estão nele na quarta hora da noite, e na oitava hora do dia, dizendo, "Saia daqui," para aquele que tinha sido curado.*"[103]

Um resumo de uma parte considerável do Evangelho de João pode ser encontrado em outro capítulo do Ritual – "*Vós, deuses, venham ser meus servos, Eu sou o filho do vosso Senhor.*

---

[100] Jo 4:21. "Jesus disse a ela: Mulher, acredite em mim, a hora virá em que não adorareis o pai nem nesta montanha nem em Jerusalém".

[101] Rit. cap. 78. Cf. Renouf's tr.

[102] Rit. cap. 97. Cf. Renouf's tr.

[103] Rit. cap. 125. Cf. Renouf's tr.

Vós me pertencem por intermédio de meu Pai, que vos deu a mim. Eu tenho estado entre os servos de Hathor ou Meri. Eu sou lavado por elas, ó criados!" Semelhante à lavagem dos pés de Jesus por Maria.[104]

O Osíris exclama, "*Eu recebi os principais espíritos no culto ao Senhor das coisas! Eu sou o Senhor dos campos onde eles são brancos,*" [105]ou seja, referindo-se aos ceifadores e a colheita. Da mesma forma o Cristo diz aos discípulos, "*Vejam, eu digo a vós: Ergam vossos olhos e olhem os campos, que estão já brancos para a colheita."*[106]

"*Então disse ele aos seus discípulos, a colheita é verdadeiramente grande, mas os trabalhadores são poucos. Então orem ao Senhor da colheita para que ele envie trabalhadores para ela. E chamou então seus doze discípulos.*" [107]

Agora, se olharmos para o "Livro do Hades" egípcio, veremos que todos estão ali retratados:

---

[104] Rit. cap. 47. Cf. Renouf's tr. - Jo 11:2. "(Esta era aquela Maria que ungiu o Senhor e lhe limpou os pés com seus cabelos, a irmã de Lázaro que estava doente".

[105] Rit. cap. 97. Cf. Renouf's tr.

[106] Jo 4:35. "Vocês não dizem que ainda faltam 4 meses para a colheita? Eu, porém digo que abram os olhos e vejam os campos: já estão brancos, prontos para a colheita".

[107] Lc 10:2. "Todavia, ele falou para eles: a colheita realmente é grande, mas são poucos os trabalhadores. Orem para que o senhor das colheitas mande mais homens para sua plantação".

a colheita, o Senhor da colheita, e os ceifadores da colheita; inclusive, os doze também estão lá.

Em uma cena eles são precedidos por um deus apoiado em um cajado, que é chamado de Mestre da Alegria – um dos nomes do Hórus Messias quando fundido ao Soli-Lunar Khunsu; os doze são "eles que trabalharam na colheita nas planícies de Neter-Kar."

Uma inscrição, mostrando uma pessoa portando uma foice diz: "*Estes são os ceifadores*." Os doze estão divididos em dois grupos, um de cinco e outro de sete pessoas – Os doze são chamados de "Os Felizes," os portadores da comida. Outro título dos doze é o de "Os Justos."

O deus diz para os ceifadores, "*Peguem suas foices!" Ceifem seu grão! Honra a vós, ceifadores*."[108] Oferendas são feitas a eles na terra, como portadores das foices nos campos de Hades. Por outro lado, o joio ou os perversos, serão descartados e destruídos para sempre. Estes doze são os apóstolos na sua fase egípcia.

Nos capítulos sobre "Dieta Celestial" no Ritual, Osíris come sob o plátano[109] de Hathor, dizendo, "*Deixe que ele venha da terra. Vós trouxestes estes sete pães para eu me nutrir, um pão que Hórus (o Cristo) faz.*

---

[108] Lefebure, '*Book of Hades*,' RP, 10, 79. Ver p. 119.

[109] Plátano: árvore (*Platanus orientalis*), nativa do Sudoeste da Europa ao Norte do Irã (NT)

Vós assentastes e comestes as porções. Ele invoca os deuses para eles, ou por causa dele os deuses vieram a eles."[110]

Isto é reproduzido contado como milagre nos Evangelhos, realizado quando a multidão foi alimentada com sete pães. Os sete pães são encontrados aqui, junto com a invocação aos deuses, ou processando o milagre da multiplicação dos pães.

No próximo capítulo há uma cena sobre comer e beber. O narrador, que personifica o Senhor, diz: "*Eu sou o Senhor do Pão em Annu. Meu pão no céu foi aquele de Ra; meu pão na terra foi aquele de Seb*."[111] Os sete pães representam o pão de Ra.

Em outra parte, o número prescrito para ser posto em uma mesa, como uma oferenda, é de cinco pães. Estes também são carregados nas cabeças de cinco diferentes pessoas nas cenas do mundo inferior. Cinco pães representam o pão de Seb. Assim cinco pães representam o pão da terra, e os sete, o pão do céu. Tanto cinco quanto sete são números de controle sagrados no Ritual egípcio.

E no Evangelho de Mateus os milagres são processados com cinco pães em um caso, e sete no outro, quando as multidões são alimentadas com a dieta celestial. Isto irá explicar os dois números diferentes em um mesmo milagre do Evangelho.

---

[110] Rit. cap. 52. Cf. Renouf's tr.
[111] Rit. cap. 53. Cf. Renouf's tr

Na narrativa canônica há um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixes. No próximo capítulo do Ritual encontramos provavelmente o mesmo rapaz, quando o realizador de milagres diz: "*Eu dei alento ao dito jovem*."

Na verdade, os Gnósticos declaram que as pessoas celestiais e as cenas celestiais tinham sido transferidas para a terra nos nossos Evangelhos; e é apenas dentro do Pleroma[112] (o céu) ou no Zodíaco, que podemos, às vezes, identificar os originais de ambos. E é lá que nós devemos procurar pelos "dois peixes."

Como a forma mais recente do "Manifestante" era no céu dos doze signos, isso provavelmente determinou o número de doze cestos cheios de comida que sobraram quando a multidão tinha sido toda alimentada. "*Os que comeram os pães eram cinco mil homens*;" e cinco mil era o número exato dos Celestiais ou Deuses no Paraíso Assírio, antes da revolta e queda do céu.

A cena do milagre dos pães e peixes é seguida por uma tentativa de pegar Jesus pela força, mas ele se liberta sozinho; e depois acontece o milagre de sua caminhada pelas águas, conquistando o vento e as ondas. Isso também acontece no Ritual, Cap. 57, onde o sopro controla as águas no Hades.

---

[112] Pleroma: palavra grega que significa totalidade, tudo que completa, plenitude. Para os cristãos significa o conjunto dos poderes de deus (NT)

O narrador, precisando atravessar diz: "*O Hapi! Deixe o Osíris comandar as águas, assim como Osíris foi vitorioso contra a traição na noite do grande conflito*". O deus solar foi traído mortalmente pelo Judas egípcio, na "noite da cilada," que foi a noite da última ceia.
O deus é "emboscado pelos conspiradores, que foram muito cuidadosos." Disseram que o farejaram "ao comer do seu pão." Então o Cristo é emboscado por Judas, que "sabia o local, que Jesus frequentemente ia,"[113] e pelos judeus que há muito esperavam para capturá-lo.

O farejar de Osíris ao comer do seu pão é notavelmente repassado por João ao descrever a cena da última ceia. Isso aparece no Ritual: "*Eles farejaram Osíris ao comer de seu pão, transportando o mal de Osíris*."[114]

"*E depois de molhar o pão o deu a Judas Iscariotes, e depois disso Satã entrou nele*." Então disse Jesus a ele em quem o mal ou demônio tinha entrado, "*O que tendes a fazer, faze rapidamente.*"[115] Osíris faz o mesmo, pedindo sepultamento.

Aqui é demonstrável que o Herodes não-histórico é uma forma da Serpente Apophis, conhecida como o inimigo do Sol. Em siríaco, Herodes é um dragão vermelho. Herodes, em hebreu, significa um terror.

---

[113] Jo 18:2. "Judas, aquele quem o traiu, também conhecia o lugar: porque tinha vindo muitas vezes ali juntamente com os discípulos".
[114] Rit. cap. 35. Cf. Renouf's tr.
[115] Jo 13:27. "E então Satã se apoderou dele. E Jesus disse a ele: O que tens que fazer, faze-o logo".

Heru (Egípcio) é aterrorizar, e Herrut (Egípcio) é a Cobra, o modelo de réptil. O sangue da vítima divina que é derramado pela Serpente Apophis na sexta hora, na "na noite de golpear o profano", é literalmente derramado por Herodes, como o Herrut ou Serpente Tifoniana.

O narrador, no Ritual, pergunta: "*Quem então é você, Senhor do Corpo Silencioso?*[116] *Eu vim para ver quem está na serpente, olho a olho, e face a face*." "Senhor do Corpo Silencioso" é um título de Osíris. "Quem então é você, Senhor do Corpo Silencioso?" é questionado e deixado sem resposta.

Esse procedimento é também atribuído ao Cristo. O Sumo Sacerdote disse a ele, "*Tu nada respondes?*" "Mas Jesus se manteve calado." [117]Herodes o questionou bastante, mas ele nada lhe respondeu. Ele age como o personagem "Senhor do Corpo Silencioso."

A transposição da sexta hora da noite da crucificação é claramente inexplicável. No Evangelho nós lemos: "*Então, da sexta até a nona hora houve escuridão sobre toda a terra*."[118]

---

[116] Rit. cap. 64. Cf. Renouf's tr.

[117] Mt. 26:62-63. "E o sumo sacerdote se levantou e lhe perguntou: Nada respondes? O que estas testemunhas têm contra ti? Jesus, porém ficou calado. Então o sumo sacerdote lhe invocou: Eu lhe pergunto, pelo deus vivo, se ele disse a nós que tu és o Cristo, o filho de Deus?"

[118] Mt. 27:45. "Então da sexta à nona hora a escuridão cobriu toda a Terra".

A sexta hora que era a meia-noite e mostrava a natureza solar do mistério, no Evangelho, foi transferida para a sexta hora do dia.

É na sétima hora que o combate mortal acontece ente Osíris e a mortal Apophis, ou a grande serpente, Haber, 450 cúbitos de comprimento, que preenche todo o céu com suas dobras envolventes. O nome desta sétima hora é "aquela que fere a serpente Haber."

Neste conflito com o poder do mal assim retratado, o deus-sol é chamado o "Conquistador da Sepultura," fazendo seu avanço através da influência de Ísis, que o ajuda a repelir a serpente ou demônio da escuridão.

No Evangelho, da mesma forma, Cristo é denominado no conflito supremo como o "Conquistador da Sepultura," pois "*as sepulturas se abriram, e muitos corpos de santos que dormiam, se levantaram*;"[119] e Maria representa Ísis, a mãe, na cruz.

Conta-se, ainda sobre a grande serpente, "*Há aqueles na terra que não bebem das águas desta serpente, Haber*," que pode ser comparado com a recusa do Cristo de beber o vinagre misturado com fel.

---

[119] Mt. 27:52."As sepulturas se abriram e muitos corpos dos santos ressuscitaram".

Quando o Deus derrota a Serpente Apophis, sua velha noturna, anual, e eterna inimiga, exclama, "*Eu vim! Cumpri minha missão! Cheguei como o sol, através do portão daquele que gosta de enganar e destruir, também chamado de a 'víbora'. Eu Cumpri minha missão! Eu feri a serpente, Eu venci*."[120]

Mas a mais expressiva representação nos mistérios era aquele do sol anual como o antigo Hórus, ou Aton. Como Julius Firmicus[121] diz: "*Para que a celebração solene dos mistérios funcione, todas as coisas tinham que ser feitas da forma em que o jovem fez ou sofreu na sua morte*."[122]

---

[120] Rit. cap. 147. Cf. Renouf's tr.

[121] Julius Firmicus Maternus: (280-360) advogado romano, nascido na Sicília. Escreveu em 336 um tratado sobre astrologia, que é utilizado até hoje pelos astrólogos (*Matheseos Libri Octo*) e aos 60 anos de idade se converteu ao cristianismo (talvez influenciado pelo imperador Constantino, que reinava na época) escrevendo então "*De errore profanarum religionum*" – Os Erros das religiões profanas. (NT)

[122] *De Errore Profanarum Religionum*, p. 18. Além dos açoitamentos, existiam lesões e cortes que eram feitos nos adoradores, como ritos de iniciação: Nas celebrações solenes dos mistérios, dizia Julius Firmicus, tudo deve ser feito organizadamente para que os iniciantes sofram como na sua morte" De Hislop, *The Two Babylons*, p. 152. Ver também NG 2:432.

Diodorus Siculus[123] corretamente identificou como "completa fábula do mundo inferior" que foi dramatizada na Grécia, como tendo sido copiada "de cerimônias de funerais egípcios," e assim trazida do Egito para Grécia e Roma.[124]

Uma parte deste mistério foi o retrato do deus-sol sofredor em uma fase feminina. Quando o sol sofredor estava ferido e doente, ele se tornava fêmea, tal sendo uma forma primitiva de expressão. Lucas descreve o Senhor no Jardim do Gethsemane como estando em uma grande agonia, "e seu suor era de grandes gotas de sangue, caindo no chão."[125]

---

[123] Diodoro Siculus: historiador grego do século I. Famoso por ter escrito uma história universal (*Bibliotheca Histórica*) com 40 volumes, incluindo nela grandes seções sobre mitos, lendas e costumes estranhos das mais diversas tribos e povos (NT)

[124] *The Library*, lv. 1. Booth's tr., vol. 1, p. 95. "E trouxeram argumentos de toda espécie para provar que tudo aquilo era o melhor da Grécia e por isso eram admirados; tendo sido levados do Egito para a Grécia. Pois não afirmavam que Orfeu tinha importado a maior parte dos rituais e cerimônias, tanto aquilo que se relacionava com a celebração da *Orgia* como com seus constantes desvarios, e toda a fábula do inferno; e por isso as cerimônias e rituais de Osiris eram semelhantes a todos as de Baco; e as de Isis e Ceres eram iguais, apenas diferindo no nome. E quando ele apresentou um inferno para atormentar os maus, os campos Elísios para os bons e as falsas aparições de espíritos (muito comentadas no estrangeiro) diziam que ele não tinha feito nada mais que imitar os funerais do Egito".

[125] Lc 22:44. "Agonizando, ele orou mais intensamente: e seu suor caía no solo como grandes gotas de sangue".

Esta experiência os gnósticos identificaram com o sofrimento da sua própria Sophia [126] hemorrágica, cuja paixão é a original daquela que é celebrada durante a semana da Paixão, a "semana do choro em Abtu," e que constitui o fundamental mistério da Rosa Cruz, e da Rosa do Silêncio.

Neste suor sangrento de agonia o Cristo simplesmente faz o papel de Osíris Tesh-Tesh, o sol vermelho, o deus-sol que expele um suor de agonia e sangrento em Smen, de onde vem Gethsemen, ou Gethsemane. Tesh significa o sangramento, vermelho, ensangüentado, separado, cortado, e ferido; teshteshé a forma inerte do deus cujo sofrimento, como o de Adonis era representado como sendo feminino, que sozinho alcança uma origem natural para o tipo. Ele era também chamado Ans-Ra, ou o sol atado em linho.

Como eram naturais os primitivos mistérios!

Minha atenção acabou de ser chamada para uma passagem em Lycophron, que viveu sob Ptolemy Philadelphus entre 310 e 246 A.C. Ele descreve Hércules como:

---

[126] Sophia: palavra grega que significa 'sabedoria" – Para os cristãos significa a "sabedoria de deus". Para os gnósticos ela é a figura feminina da alma, sendo também o caráter feminino de deus. Ela é a noiva de Cristo e também o espírito santo da santíssima trindade. Cristo, com sua paixão, resgata Sophia. (NT)

"Aquele leão de três noites,
que o cão feroz do velho Tritão
com mandíbulas furiosas devorou;
penetrando em suas entranhas, rasgando seu fígado,
ele rolou; queimando sua cabeça com o calor,
embora sem fogo, com gotas de suor
que o molhavam por inteiro."[127]

Isto descreve o deus sofrendo sua agonia e suando, que é chamado o "fluxo sangrento" de Osíris. Aqui o número de noites são três. Assim o Filho do Homem deveria ficar três noites bem como três dias no "coração da terra." Nos Evangelhos esta profecia *não* é cumprida; mas se nós incluirmos a noite do suor sangrento, nós temos as três noites necessárias, e a mitologia fica perfeita[128]. Nesta fase, o sol sofredor era o Sol Vermelho, daí o particular Leão Vermelho.

---

[127] *Alexandra*, lines 31 on. Ver também Jonathan Edwards' "*Evidence and Facts Concerning Christianity*" (www.apuritansmind.com) onde Edwards utiliza esta mesma passagem de Lycophron como prova da veracidade de Cristo!

[128] Realmente, a contagem dos dias nos evangelhos é falha. Por eles Jesus foi crucificado (por nosso tempo atual) às três horas da tarde. Então, o terceiro dia começaria somente às 3 horas da tarde de SEGUNDA FEIRA (cf. "ressuscitou no terceiro dia"). Massey mostra que para essa contagem ter sentido, é necessário que nesse período seja incluído o dia da prisão. Mesmo assim, o terceiro dia começaria somente às 3 da tarde de DOMINGO. Então, para ficar dentro da mitologia dos famosos 3 dias, a saída é contar as NOITES. Assim, o correto seria "ressuscitou na terceira noite" (NT)

Como Aton, o sol vermelho é descrito como se pondo na Terra da Vida em todas as cores do escarlate, ou Pant, o lago vermelho. Este vestuário de cores é representado como um "grandioso manto" por Lucas; um manto púrpura por Marcos; e um manto escarlate por Mateus.[129] Quando ele desce no Equinócio de Outono, ele é crucificado.

A sua mãe, Nu, ou Meri, o céu, ao ver o filho dela, o Senhor do Terror, o maior dos terríveis, com suas mãos pendentes, se pondo na Terra da Vida, fica escurecida e há grande escuridão por toda a terra como na crucificação descrita por Mateus, na qual a morte do Senhor do Terror é marcada pelo terrível "alto brado" da versão sinóptica.

A morte, isto é, passagem do deus-sol pelo mundo inferior, traz a vida para os mortos, ou os habitantes da terra, porque, quando ele veio à terra, as tumbas foram abertas, isso de forma figurada. Mas é reproduzido literalmente por Mateus.

A morte de Osíris, no Ritual, é seguida pela "Noite do Mistério das Grandes Sombras," que é a noite em que foi feito o embalsamamento do corpo de Osíris, "o Ser Bom, legitimado para sempre."

---

[129] Lc 23:11. "E os soldados de Herodes o torturaram, zombaram dele, vestiram-no com um manto vistoso e o enviaram para Pilatos". - Mc 15:17. "E o vestiram com púrpura e puseram nele uma cora de espinhos". -Mt. 27:28. "O açoitaram e o vestiram com um manto vermelho". - Jo 19:2. "E os soldados lhe puseram uma coroa de espinhos e o vestiram com um manto púrpura".

No capítulo da "noite da preparação" do corpo morto de Osíris, conta-se que "*Ísis aparece na noite da preparação do corpo morto, para lamentar seu irmão Osíris.*" E de novo: "A noite da preparação" (do falecido Osíris) é mencionada, e novamente é descrita como aquela em que Ísis tinha aparecido "para chorar por seu irmão." [130]

Mas esta também é a noite na qual ele conquista seus inimigos e "recebe a origem divina". "*Ele rasga as ataduras que o envolveram no seu funeral. Sua alma se expande e seu corpo desaparece.*"[131] Da mesma forma, mostra-se que Cristo se livrou das ataduras de linho de seu enterro, que são vistas em uma parte do sepulcro, e em outra, o sudário. Aqui também, seu corpo desaparece!

Essa parte é minuciosamente plagiada, ou seja, feito um paralelo no Evangelho de João, onde é Maria Madalena que se levanta à noite e vai ao sepulcro, "quando ainda estava escuro," para encontrar o Cristo ressurgido, como o conquistador da morte e da sepultura.

Na versão de João depois do corpo ser embalsamado com uma centena de libras de especiarias, entre elas, mirra e aloés, temos a "noite do mistério das sombras":

[130] Rit. cap. 19. Cf. Renouf's tr.
[131] Rit. cap. 28. Cf. Renouf's tr.

“*Enquanto ainda estava escuro, Maria Madalena foi ao sepulcro, e olhando para seu interior, vê dois anjos de branco sentados, um à cabeça e outro aos pés, de onde o corpo tinha sido anteriormente deixado*.” [132]

E no capítulo “Como um ser vivo não é destruído no inferno, ou a hora da vida não termina no Hades,” há dois jovens deuses – “dois jovens de luz, que governam sob a forma daqueles que viram a luz,”[133] e a figura mostra o falecido saindo. Ele reviveu!

Em Mateus aparece apenas um anjo ou presença maravilhosa, cuja aparência era como um relâmpago, narrativa que é semelhante com Shepi, O Esplêndido, que “ilumina o sarcófago,” como um representante da divindade, Ra.
O Cristo ressuscitado, que foi visto e reconhecido primeiramente por Maria, diz a ela, “*Não me toques, porque Eu ainda não voltei ao meu Pai*.”[134] A mesma cena é descrita pelos gnósticos: quando Sophia corre para abraçar o Cristo, e ele a repele, explicando que não deveria ser tocado.

---

[132] Jo 20:11-12. “E Maria ficou chorando de pé na porta do sepulcro, e enquanto chorava, olhou para dentro da tumba e viu dois anjos sentados, um na cabeceira e outro nos pés do lugar onde o corpo de Jesus estivera”.
[133] Rit. cap. 46. Cf. Renouf's tr.
[134] Jo 20:17. “Jesus disse a ela: Não me toques, pois ainda não subi até meu pai: mas vá para meus irmãos e conte que eu subi para meu pai, para o vosso pai e para um deus, o vosso deus”.

No último capítulo da "Preservação do Corpo no Hades," há muita matéria mística que parece mais verdadeira que quando escrita no Evangelho de João. Sobre o deus ressuscitado ou renascido, conta-se: "*Pode o fiel de Osíris falar a vós?*" O fiel de Osíris não sabe. Ele (Osíris) o conhece. "*Não deixe que o agarre*." O Osirificado sai fortalecido, Imortal é seu nome." "*Ele percorreu as estradas superiores*"[135] (isto é, na forma de um espírito ressuscitado).

"*Ele é aquele que segura com sua mão*," e dá a prova palpável da continuidade da personalidade, como faz o Cristo, que diz, "*Veja minhas mãos e meus pés, esse sou eu mesmo*."[136]

O deus-sol reergue-se no horizonte, de onde nasce, "dizendo aqueles que pertencem à sua raça, estendam-me seu braço." Diz o falecido Osirificado, "Eu sou feito como vocês são." "Deixe-o explicar!"

Na sua reaparição o Cristo demonstra que ele é feito como eles são, "*Veja minhas mãos e pés, que sou eu mesmo; toque-me e veja. E quando disse isso ele lhes mostrou as mãos e pés. Então ele disse a Tomé: Estenda aqui vosso*

[135] Rit. cap. 42. Cf. Renouf's tr

[136] Lc 24:39. "Olhem para minhas mãos e pés, sou eu mesmo. Toquem-me, pois um fantasma não possui nem carne nem ossos, como vós estais vendo que eu tenho".

dedo, e veja minhas mãos, e estenda aqui vossa mão e coloque no meu lado."[137]

Estas descrições correspondem aquela do cortado, ferido, e sangrando deus-sol, que diz ao seus companheiros, "*Dê-me seu braço; Eu sou feito como vocês são*."

Nos Evangelhos dos Hebreus ele é mostrado exclamando, "*Porque eu não sou um fantasma sem corpo*."[138] Mas no original (egípcio), quando o ressurgido diz aos seus companheiros, "*Estendam-me seu braço, eu sou feito como vocês são*," ele fala como um espírito para espíritos. Todavia, nos Evangelhos, o Cristo precisou demonstrar que não era um espírito, porque a ocorrência tinha sido transferida para o ambiente terreno.

Na verdade, os gnósticos declararam que todas as ocorrências sobrenaturais relatadas no Evangelho cristão "eram plágios (ou representações) do que acontecia acima".

---

[137] Ver nota anterior. - Jo 20:27. "E disse a Tomé: coloque seu dedo nas chagas de minhas mãos e coloque tua mão na ferida de meu lado: e não sejas incrédulo, mas crente".

[138] "Nele também adiciona um testemunho sobre a pessoa de Cristo, do evangelho que tinha sido traduzido por mim, desse modo: "Mas eu o vi (isso está cotado erradamente) em carne e osso depois da ressurreição, e acreditem, era ele mesmo com seu corpo: e ele veio até Pedro e seus companheiros e disse a eles: vejam, toquem-me e saibam que eu não sou um fantasma sem corpo (demônio). E felizmente eles o tocaram e acreditaram" - Excerto de "*Of Illustrious Men*" , 16 de Jerônimo.

Isto é, eles afirmaram que a história é mítica; uma alegoria celestial transformada em mundana; e estavam certos, como o Evangelho egípcio prova.

Existem curandeiros, e Jehoshua Ben-Pandira pode ter sido um. Mas, devido a essa possibilidade, não se deve permitir que isso seja garantia do impossível! Assim, nos Evangelhos, o mítico é, e tem que ser, sempre mostrado como milagre. Aquilo que naturalmente é atribuído ao personagem do deus-sol toma a aparência de sobrenatural quando trazido para a terra.

Exemplo: O deus solar descendo ao mundo inferior como restaurador da liberdade aos cativos, da vida aos mortos. Nesta região os milagres são produzidos, e a transformação acontece. Os espíritos malignos e poderes destrutivos são exorcizados das múmias; o paralítico e o aleijado se tornam capazes de levantar e andar; os mortos são ressuscitados, os mudos voltam a falar, e os cegos podem ver.

Esta "reconstituição do falecido" é transferida para a vida terrena, na vinda do Cristo, que realizava os Milagres, quando "os cegos recobram sua visão, e os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, e os mortos ressuscitam".[139] Tal drama, que os *idiotai* consideraram história humana, era executado pelo deus-sol no outro mundo.

---

[139] Mt. 11:5. "Os cegos enxergarão, os aleijados andarão, os leprosos serão limpos, os surdos escutarão, os mortos ressuscitarão e os pobres terão conhecimento do evangelho".

Eu poderia continuar por todo dia, e toda a noite, ou dar uma dúzia de palestras, sem terminar minhas evidências de que os Evangelhos canônicos são apenas uma posterior requentada versão literária dos escritos egípcios; das representações nos Mistérios e dos ensinamentos orais dos gnósticos que saíram do Egito para atingir a Grécia e Roma – pois existem muito mais provas no local de onde vieram as que aqui constam. Aqui, apenas trago um tijolo de amostra, retirado de um edifício, que em outro lugar está erguido com solidez, mantendo-se firme diante das tempestades.

Acredita-se que a revelação cristã é introduzida solenemente pelo nascimento de uma criança, e o retrato dessa criança nas catacumbas romanas como o filho de Maria representa o jovem deus-sol na imagem da múmia do rei-criança, o egípcio Karast, ou Cristo. Os fatos alegados da vida de nosso Senhor como Jesus o Cristo, foram igualmente os fatos alegados da vida de nosso Senhor como o Hórus do Egito, cujo o próprio nome significa o Senhor.

As lendas cristãs inicialmente estavam relacionadas com Hórus, o Messias, o herói solar, o maior herói que viveu na concepção humana – não na carne – o único herói para quem os milagres eram fatos naturais, porque ele não era humano.

Do começo ao fim a história não é humana, mas divina, e o divino é o mítico. De acordo com a narração dos Mistérios pré-cristãos, desde a descida do Espírito Santo sobre Maria, até a ascensão do Cristo, ressurgido no fim dos quarenta dias, o principal assunto, os personagens, ocorrências,

eventos, atos, e dizeres dão a idéia de um modelo mítico ao invés de estampar uma história humana.

Definitivamente, as idéias que moldaram essa história eram pré-existentes, e são notadamente pré-cristãs; e isso provoca o insólito espetáculo da Europa atual com 100.000.000 de pagãos mascarados como cristãos.

Não importa se não se acredita nisso ou não, o fato crucial reside em que todo traço e característica que estabelece o Cristo como Divindade, e todo evento ou circunstância apresentados para estabelecer sua personalidade humana eram preexistentes, pertencentes ao Cristo egípcio e gnóstico, que jamais poderia se tornar carne.

O Jesus Cristo com mamilos femininos, que é o Alfa e Omega do Apocalipse, era o IU do Egito, e o Iao dos Caldeus. Jesus como o Cordeiro de Deus, e Ichthys o Peixe, era egípcio.

Jesus como o Vindouro; Jesus nascido da Mãe Virgem, que incorporou a sombra do Espírito Santo; Jesus nascido de duas mães, ambas com o nome Maria; Jesus nascido na manjedoura – no Natal, e de novo na Páscoa; Jesus homenageado pelos três reis, ou magos; Jesus da transfiguração no Monte; Jesus cujo símbolo nas catacumbas é a Estrela de oito raios – a Estrela do Leste; Jesus como a eterna Criança; Jesus como Deus o Pai, renascido como seu próprio Filho; Jesus como a Criança de doze anos; Jesus como o Ungido de trinta anos; Jesus no seu batismo; Jesus andando sobre as águas, ou operando milagres; Jesus como o que expulsa demônios; Jesus como um Substituto, que

sofreu tormentos para pagar culpas de homens pecadores; Jesus cujos seguidores são os dois irmãos, os quatro pescadores, os sete pescadores, os doze apóstolos, os setenta (ou setenta e dois em alguns textos) cujos nomes foram escritos no céu; Jesus que foi cuidado por sete mulheres; Jesus em seu suor sangrento; Jesus traído por Judas; Jesus como o conquistador da tumba; Jesus a Ressurreição e a Vida; Jesus diante de Herodes; no Hades, e em sua re-aparição para as mulheres, e para os sete pescadores; Jesus que foi crucificado tanto em 14 como em 15 do mês de Nisan; Jesus que também foi crucificado no Egito (como está escrito no Apocalipse);[140] Jesus como juiz dos mortos, com a ovelha na mão direita, e os bodes na esquerda, **é egípcio do princípio ao fim, em toda fase, do início ao fim** – criado, se quiserem, baseado em Jeoshua Bem-Pandira.

Em alguns dos antigos templos egípcios quando os cristãos iconoclastas, já cansados de retalhar e lixar as figuras simbólicas contidas nas câmaras de imagens, e desfigurar as características mais importantes dos monumentos, descobriram que não poderiam remover os hieróglifos, começaram a cobri-los com gesso ou tinta; e esse gesso, com o qual pretendiam esconder o significado e calar a palavra que saía da pedra, serviu para preservar os antigos escritos, de forma tão fresca, em cor e contorno, como quando foram entalhados e coloridos pela primeira vez.

[140] Apc. 11:8. “E seus corpos ficarão nas ruas da grande cidade, que é chamada espiritualmente de Sodoma e Egito, onde também nosso senhor foi crucificado”.

Da mesma forma o templo da antiga religião, que, com a conivência do poder romano, foi invadido e gradualmente tomado; essa fortaleza indestrutível, não construída, mas escavada na rocha sólida, foi coberta de estuque em toda a frente, pintada de branco para parecer nova, e re-inaugurada sob a proteção de outro nome – o do Cristo feito carne.

E durante todo tempo cada seu canto e esquina estavam fantasmagoricamente vivos com a presença das provas de deuses anteriores e as origens pré-cristãs, embora os hieróglifos permanecessem indecifráveis até o tempo de Champollion!
Mas estuque não é cobertura duradoura, ele racha e se esfarela; desgruda e volta à sua origem modesta; a rocha é a única fundação verdadeira; no final, a rocha é o único registro em que podemos constatar a realidade!
Falando da realidade de Osíris na terra, Wilkinson, o egiptólogo, disse: *"Alguns podem estar dispostos a pensar que os egípcios, estando cientes da promessa do salvador real, anteciparam esse evento de forma como se ele já houvesse acontecido, e introduziram esse mistério no seu sistema religioso!"*[141]

---

[141] "*Manners and Customs of the Ancient Egyptians*" The Second Series, vol. 1, p. 327. - A existência de Osíris na Terra, era, naturalmente, uma teoria especulativa - uma alegoria não diferente dos avatares do Vishnu indiano e se pode inferir que os egípcios, ansiosos pela promessa da vinda de um salvador verdadeiro, tenham antecipado este evento, criando uma história como se tivesse já acontecido e introduzindo tal mistério em seu sistema religioso".

Isto é o que os obstetras chamam de *apresentação defeituosa*; um nascimento em que os pés vêm primeiro.

Os escritores nas catacumbas, e a iconografia cristã, também mostram que esta figura é Osíris, um tipo de Cristo. Assim Pã, Apolo, Aristeus, são tipos de Cristo. Harpocrates, é um tipo de Cristo. Mercúrio é um tipo de Cristo; o demônio (pois Sut-Mercurio era um demônio) é um tipo de Cristo.

Ao descobrir como os fatos foram enormemente mudados, pervertidos e falsificados, alguém pode se sentir como num pesadelo que já dura dezoito séculos, sabendo que a Verdade tem sido enterrada viva e emudecida por todo esse tempo; imaginando que ela apenas precisa ganhar voz e se fazer ouvida para terminar as mentiras de uma vez por todas, e descer a cortina do esquecimento sobre o drama da desilusão mais pungente já testemunhado no palco humano.

Neste caso, os piores inimigos da verdade sempre foram e, ainda são, os racionalizadores do mitologia, tais como os Unitarianos[142]. Eles consideraram a história humana como ponto de partida, e aceitaram a existência de um fundador pessoal do Cristianismo como um fato fundamental e inicial. Eles se esforçaram para humanizar a divindade da mitologia, ao remover o elemento miraculoso e sobrenatural, para que a narrativa pudesse ser aceita como história. Mas perderam a batalha no início, ao lutar em solo desvantajoso.

---

[142] Unitarianos: referente ao Unitarismo: ramo protestante surgido no século XVI que rejeita o dogma da Trindade, e defende a unidade pessoal de Deus (NT)

O Cristo é um manequim que nunca existiu, e um manequim de origem pagã; um manequim que já foi um Cordeiro, e depois um Peixe; um manequim que, em forma humana, era o retrato e imagem de uma dúzia de deuses diferentes.

As imagens das catacumbas mostram que os tipos lá representados não são as figuras ideais da realidade humana! Elas são a única realidade para seis ou sete séculos depois, porque elas tinham sido assim por muitos séculos antes. Não há homem na cruz nas catacumbas de Roma por setecentos anos! O simbolismo, as alegorias, as figuras e os tipos trazidos pelos gnósticos, permaneceram lá, assim como ficaram para os romanos, gregos, persas, e egípcios.

E mais, o ideal imitado do paganismo deveria se tornar duplamente real como o deus que se fez carne, para salvar a humanidade da "queda" impossível! Lembre-se que a principal pedra angular da história no Novo Testamento é a Queda do Homem, que, apesar de ser apenas uma fábula, era um fato no Antigo, que propriamente somente tem significado mítico e não histórico.

Quando se tenta rastrear a história da queda, que surgiu do nada, não se encontra maneira de prosseguir. A Queda é absolutamente não histórica, e, consequentemente, já no começo, falta o primeiro fator fundamental para um Cristo real, o redentor. Qualquer um que arranje, ou tenha arranjado, um Salvador histórico proveniente de uma Queda não histórica, só pode ser um impostor histórico.

Mas o Cristo dos Evangelhos não é nem mesmo isso! Ele não é um personagem histórico em nenhum sentido. É impossível estabelecer a existência de um personagem histórico, mesmo como um impostor. E isso pode ser provado por qualquer das duas testemunhas - Mitologia Astronômica e Gnosticismo – que apresentam uma prova cabal eterna.

Da primeira suposta catástrofe até a final, os símbolos da alegoria celestial foram ignorantemente confundidas com assuntos de fato, e por isso o cristólatra ortodoxo[143] acaba sendo deixado para alcançar o céu com um pé apoiado no chão de uma redenção que é fictícia. É uma fraude baseada em uma fábula!

Todo vez que o cristão se vira para o Leste para prestar obediência ao Cristo, confessa que o culto é solar, sendo tal admissão mais fatal porque é inconsciente. Toda figura do Cristo, com a auréola da glória, e a Cruz do Equinócio relativa a ele, são provas disso.

A doutrina cristã da ressurreição oferece evidência, absolutamente conclusiva, da natureza astronômica e Croniana das origens! Isto deve ocorrer, como sempre ocorreu, no final do ciclo; ou no fim do mundo!

---

[143] Ortodoxo: aquele que professa os padrões, normas ou dogmas estabelecidos, tradicionais - indivíduo que segue rigorosamente qualquer doutrina estabelecida - cristão que segue a fé oriental de rito bizantino – pessoa que não tolera o novo e o diferente (NT)

A Revelação cristã não sabe nada de imortalidade, exceto na forma de renovação periódica, dependente do "Vindouro;" e a ressurreição dos mortos ainda depende do dia do julgamento e do último dia, no fim do mundo!

Eles não têm outro mundo. Seu único outro mundo é no final deste.

Assim, não existem tolos vivos que sejam tolos o suficiente para cruzar o Oceano Atlântico em um barco podre e inapropriado como este no qual eles esperam cruzar o escuro Rio da Morte, e, de porto de nuvem, chegar a salvo no Céu.

A teologia cristã foi responsável por substituir fé no lugar de conhecimento; e a inteligência européia está apenas começando a se recuperar da paralisia mental induzida por essa doutrina que atingiu seu ponto máximo na Idade das Trevas.

A religião cristã é responsável por entronizar, no céu, a cruz da morte com uma divindade nela, obrigando toda a humanidade a se penitenciar pelo erro cometido por uma só pessoa no começo da criação. Ela ensinou os homens a acreditarem que o espírito mais perverso pode ser tornado puro, pelo sangue sofrido do mais puro, oferecido como suborno a um deus vingador.

Ela divinizou a figura de um indefeso humano sofredor enfrentando uma dor pungente; como se não houvesse nada mais que uma grande angústia no centro de todas as coisas; ou que o vasto Infinito não fosse mais que uma tristeza

velada e de olhar triste em que se mostra o nascimento nas misérias da vida humana.

Mas "no antigo mundo pagão os homens adoravam o belo, o feliz;" e assim farão novamente, sobre um sublime pedestal, quando a fábula desta ficção da queda do homem e falsa redenção pelo deus gerado por nuvens, tiver desaparecido como um fantasma da noite, e os homens despertarem para aprender que eles estão aqui para lutar incessante contra o sofrimento sórdido, erros corrigíveis e dores evitáveis; para pôr fim a elas; não para endeusar uma efígie da Tristeza que deve ser adorada como coisa do Eterno. Porque o mais beneficente é o mais bonito; o mais feliz é o mais saudável; o parecido com deus é mais alegre.

O culto cristão durante dezoito séculos tem fanaticamente lutado por sua falsa teoria, e trava guerra incessante contra a Natureza e a Evolução – aquilo que a natureza expõe de forma clara – e contra alguns dos mais nobres instintos.

Foram derramados oceanos de sangue humano para manter a barca de Pedro flutuando. Os túmulos dos mártires do Pensamento Livre estão plantados pela Terra. O Céu tem sido preenchido, em nome de Deus, com o horror de uma grande escuridão.

Dezoito séculos é muito tempo para manter uma mentira, mas, por outro lado, é um breve momento na eternidade da Verdade. A Ficção certamente será descoberta e a Mentira ira cair finalmente! Finalmente!! Finalmente!!!

No matter though it towers to the sky,
And darkens earth, you cannot make the lie
Immortal; though stupendously enshrined
By art in every perfect mould of mind:
Angelo, Rafael, Milton, Handel, all
Its pillars, cannot stay it from the fall.
The Pyramid of Imposture reared by Rome,
All of cement, for an eternal home,
Must crumble back to earth, and every gust
Shall revel in the desert of its dust;
And when the prison of the Immortal, Mind,
Hath fallen to set free the bound and blind,
No more shall life be one long dread of death;
Humanity shall breathe with ampler breath,
Expand in spirit, and in stature rise,
To match its birthplace of the earth and skies.

Gerald Massey

Não importa se ela se eleva ao céu
E escurece a terra, não se pode tornar a mentira
Imortal; embora estupendamente cultuada
Pela arte, em cada mente genial:
Ângelo, Rafael, Milton, Handel, Todos
Seus pilares, não podem evitar que caia.
A Pirâmide da Impostura construída por Roma,
Todo o cimento, de um lar eterno,
Deve desmoronar de volta a terra, e cada brisa
No deserto deve se deleitar com seu pó;
E quando a prisão da Mente, Imortal,
Tiver caído para libertar os presos e cegos,
Não mais deve a vida ser um longo medo da morte;
A Humanidade deve respirar com mais amplo fôlego,
Se Expandir em espírito, e em estatura crescer,
Para adaptar seu berço à terra e aos céus.

Apêndice

L Valentin

Esta conferência, feita por Massey em 1900, (http://www.masseiana.org/ml1.htm#1) é um resumo do seção 13, volume II, "*Tipologia da Cristologia Equinocial*" que está no livro "Gêneses Natural". (http://www.masseiana.org/ngbk13.htm)
O principal aspecto a ser destacado aqui é a forma de como se iniciou o cristianismo. Não há consenso entre os historiadores, pois não é fácil descobrir os rastros históricos do personagem principal, Jesus. E os dirigentes da fé cristã envidam todos os esforços para que isso não seja esclarecido, por motivos óbvios.
Massey os irrita tentando seguir a linha que sai desse novelo emaranhado. A primeira providência é esclarecer que somente existe UMA história: a verdadeira. E essa história tem que ser contada no plano natural, ou seja, no mundo terreno, onde não há lugar para o sobrenatural.
Massey propriamente faz uma divisão entre esses dois mundos: o natural é o que realmente existe; o sobrenatural é o mítico, fabuloso, fantasioso, o irreal, inexistente, onde imperam os milagres e seus executores, os deuses.

Claramente se conclui que o Jesus do cristianismo é mítico e plagiado de outras crenças mais antigas. Isso porque não existem provas do Jesus histórico. Então como funcionou a criação e instalação do cristianismo?

Para imaginar como se efetuou tal processo, devemos analisar um exemplo do nosso século. Vejamos então a quantidade de igrejas evangélicas no Brasil.

De acordo com o IBGE, existem cerca de 200 mil igrejas evangélicas no Brasil. Veja algumas delas:

Assembléia Ministério De Ostentação Ao Rebanho - Associação Evangélica Fiel Até Debaixo D'água - Congregação Anti-Blasfêmias - Igreja A Serpente De Moisés, A Que Engoliu As Outras - Igreja Abastecedora De Água Abençoada - Igreja Assembléia De Deus Botas De Fogo Ardentes E Chamuscantes - Igreja Assembléia De Deus Do Papagaio Santo Que Ora A Bíblia - Igreja Atual Dos Últimos Dias - Igreja Automotiva Do Fogo Sagrado - Igreja Automotiva Móvel Do Fogo Sagrado - Igreja Bailarinas Da Valsa Divina - Igreja Batista Da Juventude Sem Drogas E Rock'n'roll - Igreja Batista Evangélica Da Bazuca Celestial - Igreja Batista Gay Do Rio De Janeiro - Igreja Batista Homossexual Gays De Cristo - Igreja Batista Logarítmica Do Reino De Deus - Igreja Batista Nero Se Arrependeu, e Você?! - Igreja Batista Pentecostal A Cobra de Moisés Que Engoliu As Outras Más e Fracas - Igreja Batista Too Much - Igreja Congregacional de Agronomia da Salvação - Igreja Contato Direto de Vigésimo Grau com Milagres - Igreja Cósmica do Poder Pleno e Misterioso - Igreja Cristã de Terapia Contra o Encosto - Igreja Cuspe de Cristo - Igreja Cruzada Evangélica com Pastor Waldevino Coelho, A Sumidade - Igreja do Barro Santo de Cura - Igreja e Bar Evangélico Arca Ltda Me. - Igreja e Clube Diversão Para o Povo Cristão - Igreja Evangélica Pentecostal Da Benção Ininterrupta - Igreja Evangélica Pentecostal Puleiro Dos Anjos - Igreja Evangélica Da Maresia Que Corrói - Igreja Evangélica Do Pastor Paulo Andrade, O Homem Que Vive Sem Pecados - Igreja Evangélica Florzinha De Jesus - Igreja Evangélica H.I.V. (Homem, Inteligência, Vida) - Igreja Evangélica Pentecostal Cuspe de Cristo - Igreja Foguete Rumo Ao Céu - Igreja Gospel Come On To God - Igreja Individualista Evangélica Da Auto Ajuda - Igreja Infantil Fofuras Do Amanhã - Igreja Internacional Dos Evangelistas Remanescentes da Graça Divina de Nosso Senhor Deus Pai Todo Poderoso - Igreja Metodista Internacional Fábrica De Milagres - Igreja M.T.V. (Manto Da Ternura Em Vida) - Igreja Noiva de Jesus da Segunda Divisão - Igreja O Cuspe De Deus - Igreja Original de Jesus Cristo Número Dois - Igreja Pentecostal A Caixa de Pandora - Igreja Pentecostal A Majestade O Sabiá - Igreja Lua Nova - Igreja Pentecostal do Cuspe Santo - Igreja

Pentecostal Marilyn Monroe - Igreja Perfeccionista Fé Maior - Igreja Quadrangular Da Quarta Dimensão - Igreja Quadrangular O Mundo É Redondo - Igreja Restauradora De Vidas Estragadas - Igreja S.B.T. (Sanando Bênçãos A Todos) - Igreja Santa Que Está No Rio De Janeiro - Igreja Santa Que Está No Brasil Inteiro - Igreja Trybo Cósmika, entre milhares de outras.

Qual é o motivo principal para a existência de tais aberrações? A idéia é simplesmente enriquecer. Uma igreja funciona como um clube social. No clube, os associados pagam para desfrutar a atividades e instalações que ele disponibiliza. E, para manter essa logística, é necessário dinheiro. Assim, a diretoria recolhe o dinheiro dos associados e viabiliza o clube.
Na igreja, os associados pagam e recebem em troca somente duas coisas: uma falsa promessa de vida eterna no sobrenatural e uma dose de narcótico emocional no plano natural. Uma pequena parte do dinheiro vai para o gasto mínimo para manter esse esquema lucrativo funcionando. Então, a grande parte do dinheiro arrecadada é usufruída pelos diretores em sua vida particular.

Portanto, ao fundar uma igreja têm-se em vista, quando não unicamente, principalmente o fator econômico. E o surgimento de centenas de igrejas cristãs, na antiguidade não foi exceção.

Pode-se inferir, baseando-se nesses princípios, como surgiu o cristianismo. Vejamos a história natural. No "*Toldoth Yeshu*" a história contada é a seguinte:

> *"Joseph Pandera era um moço bem aparentado e cobiçava uma moça chamada Miriam. Mas esta*

estava prometida a outro homem, chamado Yohanan. Certo dia, Joseph se encontrou com Miriam e enganado-a se fez passar por Yohanan. Algum tempo depois, aparece o verdadeiro Yohanan na casa de Miriam, querendo desposá-la. Aí ficou claro que Miriam tinha caído na conversa de um farsante e agora estava grávida. O caso foi julgado e como não havia testemunhas do fato, Pandera não pode ser punido e Miriam foi exilada na Babilônia, com seu filho bastardo Jehoshua, cujo nome mais tarde foi abreviado para Yeshu.

Este foi criado nas tradições dos judeus. Quando era jovem, faltou com respeito aos sacerdotes e foi obrigado a fugir. Mais tarde, voltou a Jerusalém e usando as artes mágicas que tinha aprendido, conseguiu se passar pelo Messias e andava sempre escoltado por cerca de 310 jovens que acreditavam nele. Continuando a desafiar os sacerdotes, foi preso por ordem da rainha de Janneus (Alexandra, Helena ou Salomé)

Ele foi preso na sinagoga de Tiberias, amarrado em um pilar. Cobriram-no com um manto, colocaram uma coroa de espinhos em sua cabeça e lhe deram vinagre para beber. Porém, os seus seguidores cercaram o templo e de assalto entraram e libertaram Yeshu, que fugiu para o Egito, lá ficando até a véspera da páscoa.

Nesse dia, entrou em Jerusalém com seu séqüito de 310 discípulos, montado em um jumento. Ali, foi para o templo. Judas Iskariotto, um dos espiões dos sacerdotes, avisa que ele está no templo e a quem ele se curvar em reverência, é a pessoa que deve ser presa. Assim prendem Yeshu, que, ao ser interrogado jamais admite ser Yeshu e fornece uma série de nomes falsos. Por fim, é condenado e foi enforcado em uma árvore, na sexta hora da véspera da páscoa. À tarde, antes da hora das orações da noite, desceram seu corpo que foi enterrado fora da cidade.

No primeiro dia da semana (domingo) os seus seguidores foram até a rainha e disseram que ela tinha mandado matar o verdadeiro messias, pois foram até seu túmulo e o encontraram vazio. Isso provava que ele tinha ressuscitado e que era um deus.

A rainha ficou furiosa e deu três dias para que o corpo fosse encontrado, caso contrário cortaria a cabeça de vários sacerdotes. Então foi mobilizada uma apurada investigação sobre o acontecido e encontraram o corpo, que tinha sido retirado do local onde fora enterrado, justamente para evitar que os seus seguidores o roubassem e depois espalhassem a notícia que tinha ressuscitado. Os sacerdotes levaram o corpo para a rainha, que depois de ser identificado teve destino ignorado."

Esta é a história contada pelos judeus. Após a morte de Jeoshua, os seu seguidores se espalharam e, como sabiam quais os truques que ele empregava para convencer os fiéis, começaram a fundar igrejas. E muitas foram abertas, como no exemplo atual acima mencionado.

Devemos aqui, inserir certos parâmetros para poder perfeitamente analisar o quadro: a data, os períodos e o quotidiano da época.
A data, segundo Massey, é cerca de 100 ac. Os povos da época não possuíam meios de comunicação, 99% das pessoas eram analfabetas, não havia livros, jornais, correio, rádio, televisão.
Por um período de cerca de 100 anos, os seguidores de Yeshu abriram igrejas. A idéia central é o estelionato, ou seja tirar dinheiro de trouxas, em troca de um ópio emocional. A filosofia e mitologia eram diferentes para cada uma das que surgiam.
O diretor ou mentor ao apresentar-se diante dos fiéis deveria ter uma história bem convincente. Então se floreava e alegorizava a mitologia, preenchendo-a de fatos sobrenaturais e milagres. Os viajantes que passavam pela Judéia atestavam que lá se conhecia bem Yeshua. Esses viajantes eram então as testemunhas de que um homem milagroso realmente existira. De posse disso, era uma questão de esperteza encaixar na mitologia tal personagem.
Passados os 100 anos, entre as talvez centenas de igrejas fundadas baseadas nesse messias, podia-se separar as linhas de pensamento. Celsus, em "A Doutrina verdadeira", citando vários historiadores, detalha algumas das tendências.

Massey, diz que Irineu em meados do século II se baseava no verdadeiro Jeoshua para traçar a história do messias de sua igreja. Conta ainda que Paulo – batizado Saul – já pregava pelo ano 24, ou seja, antes da "crucificação" de Jesus e que a história de sua conversão é falsa, atestada pelo próprio Paulo, que tentava na época organizar um culto baseado nas igrejas cristãs formadas desde a morte de Jehoshua, 100 anos antes. Então, valorizando a sua – mais uma entre centenas - Paulo, em Rm16: 17,19, alertava contra as "falsas" igrejas dizendo:

> "*Entretanto, irmãos, exorto-vos a que tenhais cautela com os que provocam divisões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles. É que essa gente não serve a Cristo nosso Senhor, mas sim ao seu próprio ventre; e com palavras lindas e lisonjeiras enganam os corações dos ingênuos. De fato, a vossa obediência chegou aos ouvidos de todos; e por isso me alegro convosco. Mas quero que sejais sábios quanto ao bem e sem mancha quanto ao mal*."

Deve-se notar que Paulo quando diz "ao seu próprio ventre", significa "em proveito próprio", ou seja, enriquecer. Isso prova que essa enganação é tão velha quanto o próprio homem. Outra expressão, "ser sábio" significa conhecer apenas o que ele ensina. O outro conhecimento, a verdadeira ciência, é a "mancha do mal". Ou seja, utilizando seu bordão: "Não perguntes nada. Apenas creia!"

A maioria dos escritos sobre a religião Cristã, até o final do século II, relaciona-se ao personagem Jehoshua. Somente no século IV, quando o cristianismo se tornou a religião oficial do império romano é que se verificou ser necessário compor uma liturgia – feita inclusive pelos antigos sacerdotes pagãos que foram obrigados pelo imperador, sob pena de morte, a se converterem – e a tarefa ficou a cargo de Jerônimo, que ordenou e classificou a literatura disponível criando o Novo Testamento de hoje. Fica claro que Jerônimo reuniu os livros que apontavam para a tendência de reforçar o paradigma projetado pelo imperador e a alta cúpula da nova fé. Assim, tudo que pudesse ir contra tal objetivo foi posto de lado e descartado como apócrifo.

Nascia aí o Cristo mítico. Aquele que somente existe na fantasia. Como diz Massey, um manequim, um boneco; na natureza, tão falso quanto Horus, o deus com corpo de homem e cabeça de falcão.

L Valentin
Inverno-2012